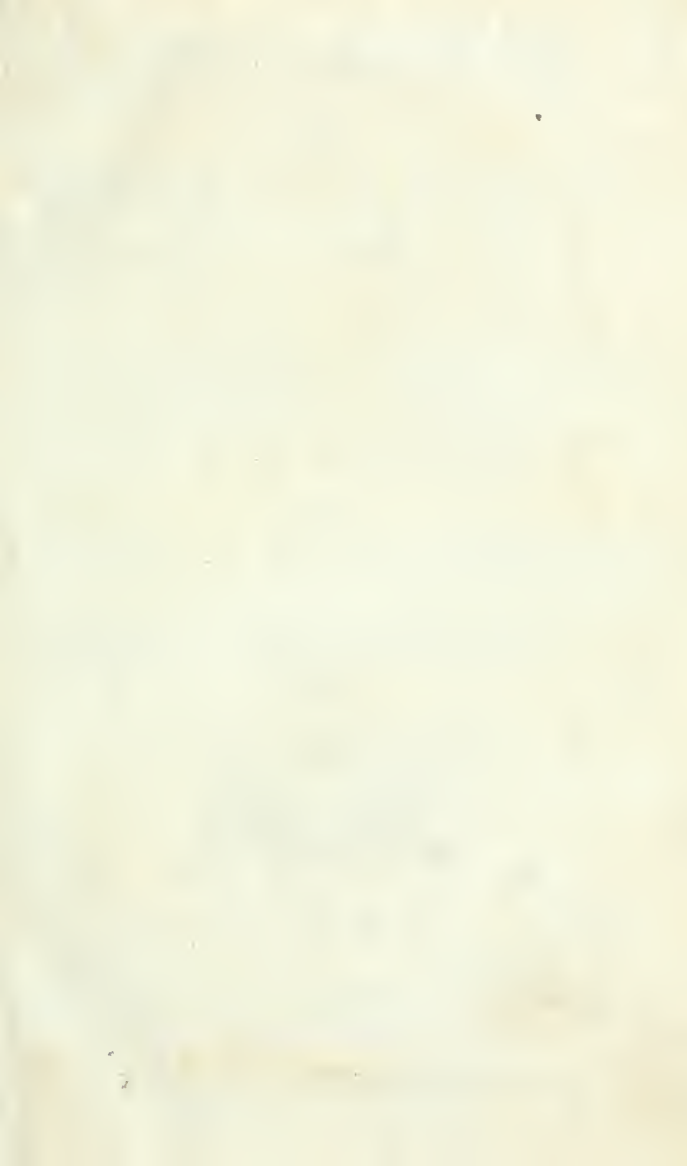


RB13, 543



Presented to the
LIBRARY *of the*
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

22463





Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

ARTE POETICA
DE
Q. HORACIO FLACO

TRADUZIDA EM VERSO RIMADO,

E
DEDICADA

A^o MEMORIA DO GRANDE
AUGUSTO

POR
D. RITTA CLARA FREYRE
DE ANDRADE

*Natural de Bilrete em Salvaterra de
Magos.*



C O I M B R A:

NA REGIA OFFICINA DA UNIVERSIDADE;
M.DCCLXXXI.

Com licença da Real Meza Censoria.

Nec verbum verbo curabis reddere fidus

Interpres :

Horat. in Poeticis

AO LEITOR

HE desnecessario fazer o elogio de Horacio. Todos conhecem o merecimento deste judicioso Critico, cujas obras não pôde o tempo ainda sepultar debaixo do immenso pezo dos seculos. Em todas as idades tem apparecido excellentes retratos de tão bello original. Eu, sou eu, quem agora me atrevo a disfigurallo, e pollo na face do mundo com cores mortas, e mal dezenhado.

Hum Espozo, que o Omnipotente me dêo, he quem me obriga (com grande magoa do meo coração) a publicar, o que fiz para meo divertimento. Quer que ceda aos meos dezejos, e que despreze as mesmas regras, que o nosso Poeta manda observar, quando diz que se goardem as obras por nove annos, antes que jaião a publico. Se nisto falto ao preceito deste grande Mestre, não sou eu a culpada, e por isso digna de não merecer a mordacidade dos Zoilos. Nem eu tivera nunca a lembrança de dar ao prélo huma obra, que tem feito suar os maiores engenhos; e muito principalmente depois de atraduzir o dignissimo membro de huma Congregação tão cheia de virtudes, e talentos, o Padre Francisco Jozé Freyre, de quem fizera os merecidos elogios, se eu tivera a eloquencia de Cicero, ou em mim se reproduzira a alma do nosso Poeta.

No discurso preliminar deste eruditissimo P. acharemos todos os illustradores do Horacio, e hum critico juizo sobre elles, e nas suas

notas hum thesouro inexgotavel , depois das quaes nada mais temos que dezejar ; e justamente merecia o nome de insensato , quem hoje quizesse no nosso idioma cōmentar a Horacio ; e se o meo voto podesse ser ouvido, eu dissera da illustraçã deste grande Congregado , o que diz Quintiliano do nosso Poeta : At lyricorum Horatius ferè solus legi dignus. Nam & insurgit aliquando, & plenus est jucunditatis , & gratiæ , & variis figuris , & verbis felicissimè audax.

Vinte e tres annos incompletos de idade não são bastantes , para alcançar os necessarios conhecimentos de tam ardua empresa ; mas estas limitadissimas luzes devo a hum marido, que conhecendo em mim (segundo elle diz) docil disposiçã para os estudos, me ensinou cum summa paciencia a Gramatica Portuguesa , logo as lingoas Franceza, e Italiana , e ultimamente a Latina , á qual concebi hum amor tam grande, q̃ só Virgilio, e Horacio são os exemplares, em q̃ me occupo fóra das obrigações do meo estado. Esta a cauza , porq̃ traduzi a Poetica deste grande homem , sem a menor ideia de que se imprimisse , pois sempre conheci, q̃ as pessoas do meo sexo, são faceis de emprender as maiores difficuldades, porq̃ menos conhecem os seus perigos. Finalmente fiz, o que os meos diminutos talentos permitirão nesta tosca traducçã , para a qual necessito de indulgencia do leitor; e não duvido, que me perdoe as faltas cōmettidas, em concideraçã do serviço , q̃ lbe faço, em dispartar com ella a lembrança de tam excellente obra.



ARTE POETICA

I.

Sobre a simplicidade , e unidade da materia.



E hum Pintor á cabeça huma-
na unisse

Pescoço de cavallo , e revestisse

Membros de toda a especie de viventes

Com pennas de mil cores differentes ,

De forte que mulher de linda face

Em torpe , e negro peixe rematasse ,

Naõ rerieis amigos por ventura

Chamados para ver esta pintura ?

Crede , Pizoens , que muito propriamente

Hum quadro tal o livro reprezente ,

Onde , quacs sonhos de hum enfermo ,

estejaõ

Vans

Vans especies fingidas , e se vejaõ
Os pés dissimilhantes da cabeça
Sem que o todo conforme se pareça.
Ao Pintor , e Poeta em toda a idade
Foi dada de ouzar tudo a liberdade.
Temos esta licença certamente ,
Que damos , e pedimos mutuamente ,
Mas com tal condiçaõ , que não liguemos
Dous oppostos contrarios , nem juntemos
Tigre a cordeiro , nem serpente ás aves.

As mais das vezes em principios graves,
Que tratar grandes couzas nos promettem,
Dous romendos de purpura se mettem,
Que ao longe brilhaõ , quando de Dianna
Ou sacro bosque , ou sacro altar se explana,
Ou quando se descrevem de hum ribeiro
As claras agoas , com as quaes ligeiro
Vai discorrendo pelo campo ameno ;
Ou arco pluvial , ou rio Rheno.

Mas disto o lugar proprio não he este,
Que

Que val , que pintes bem verde cypreste ,
Se o que a pintura quer , e faz a paga ,
Só quer , o pintes tú , quando se allaga
No naufragio fatal , salvando a vida
Na taboa , que restou da náo perdida ?
Grande talha começa-se de barro ,
Gyrando a roda , porque sahe hum jarro ?
Somente observa em fim simplicidade
Em tudo o que fizeres , e unidade.
Nós dos Poetas grande parte , (ouvi-nos ,
Ó Pay , e de hum tal Pay , ó filhos dinos ,)
C'o apparencia do bom nos enganamos.
Se acazo por ser breves trabalhamos ,
Fazemos-nos escuros : a alma tira ,
Os nervos corta , graça não respira ,
Quem polido quer ser , e delicado.
O que muito se eleva , fica enchado :
Quem da procella timido se affasta ,
Por terra segurissimo se arrasta.
Quem hum simplex assumpto representa
Por

Por modo extranho , e variallo intenta ;
Pinta com seo prodigiozo ornato

Nas ondas javali , delfim no matto.

O temor de hum defeito em outro lança ,
A quem d'arte os preceitos não alcança.

Junto a Esgrima de Emilio artista habita ,
Que exprime em bronze as unhas bem ,
e imita

Molles cabellos , tudo o mais que resta ,
He de gosto tão máo , que nada presta.

Se huma obra semelhante eu compozera ,
E que o mesmo defeito ella tivera ,

Tão grande confusão teria disto ,

Como teria em publico ser visto

Com disforme nariz , e os olhos bellos
De negra côr , e negros os cabellos.

Vós , que eícreveis , buscai conveniente
Materia ás vossas forças , e na mente
Revolvei longo tempo , qual regeitem
Vossos hombros levar, qual pezo acceitem;
Se

Se huma materia assim for escolhida ,
Elegancia terá , e ordem luzida.
Esta seja a virtude , e seja a graça ,
Ou eu me engano , que da ordem nasça ;
Que aquillo , que dizer se deve agora ,
Se vá dizendo já sem ter demora ,
Para tempo opportuno differindo
As couzas , que igoal preça estaõ pedindo.

II.

Do Estillo.

O Autor de hum Poema promettido ,
Seja parco taõbem , e comedido
Na escolha das palavras , esta préze ,
Esta outra naõ receba , e adespreeze.
Dirás egregiamente , quando unidas
Forem duas palavras conhecidas
Com tal sagacidade , que a que nasça ;
Pareça ter de nova a mesma graça.
Se acazo he necessario que se indiquem
Couzas novas por termos, que a expliquem,
E

E sejaõ athe aqui desconhecidos ,
Outros invente , ainda nunca ouvidos
Dos antigos Céthegos : porem hade
Sobriamente tomar-se a liberdade.
Palavras , que de novo se fizerem ,
Podem credito ter , se ellas vierem
Da Grega fonte sempre derivadas ,
Por ligeira inflexaõ latinizadas.
Se licença alcançou Plauto , e Cicilio ,
Porque naõ a terá Vario , e Virgilio ?
Eu mefmo algum delicto executara ,
Se acazo poucos termos inventara
Na minha lingua , quando estamos vendo ,
Que Ennio , e Cataõ primeiro isto fazendo,
O patrio idioma tanto enriqueceraõ
Com as novas palavras , que á lux deraõ ?
Licito foi , e sempre permittido
Será , que seja hum nome produzido ,
Mas c'o reinante cunho assignallado.
Assim como das folhas despojado

O bosque fica, e aquellas que precedem
Cahindo vão, e novas lhe succedem,
Das palavras taõbem se acaba a idade,
Outras vêm, que na tenra mocidade
Com bellas graças logo resplandecem,
Logo tomaõ vigor, logo florecem.
A morte sobre nós tem seu direito,
E sobre tudo, o que nos he fugeito.
Ou entre o mar na terra, e se fabriquem,
(Obra real) os portos em que fiquem
Dos Aquiloens as frotas abrigadas,
Ou sejaõ as lagoas esgotadas,
E essas terras, que nada produziaõ,
Onde os remos as agoas dividiaõ,
As Cidades vizinhas vão nutrindo,
Ao ferreo grave arado o feio abrindo,
Ou ruinozo rio aprenda á força
Melhor curso a seguir, e as agoas torça,
Tudo, tudo saõ obras dos humanos,
Que vem a destruir os longos annos.

Naõ

Naõ quereremos pois , que o tempo ultraje

As graças , e bellezas da lingoage ?

As palavras , que estaõ hoje esquecidas ,

Tornaráõ a nascer , e as applaudidas

Teráõ por lei do uzo nova forma ,

Que elle dá ao fallar arbitrio , e norma.

Qual seja o verso , de que uzar devemos ,

Homero nos mostrou , quando escrevemos

Das tristes guerras os crueis effeitos .

Dos Reis , e Capitaens os grandes feitos.

De versos dezigoacs era a Elegia ,

Nella o pranto fomite se exprimia :

Nos combates de amor depois se emprega.

Destes versos o Author ninguem allega.

Os Grammaticos lidaõ com excessõ ,

Mas está no Juiz inda o processo.

He o jambo por Archiloco inventado ;

De fatirica raiva foi armado :

Os

Os Tragicos , e Comicos uzaraõ
Desta casta de versos , porque acharaõ
Ao mutuo discurrer accomodada ,
Propria em mover a acçaõ representada ;
E o ruido vencer de Espectadores.
Deozes , Heroes , Athletas vencedores ,
Os Cavallos nos jogos victoriosos ,
As Bacchicas Cançoens , os amorozos
Cuidados juvenis a Ode intente ,
Huma Muza nos fez della presente.
Se eu pois em cada genero , que escrevo ,
A propria cor naõ dou , que dar lhe devo ,
Se os proprios caractêres naõ conheço ,
Por Poeta faudado ser mereço ?
Porque vergonha torpe antes me inclino
A seguir a ignorancia , do que o ensino ?
Naõ consente em seos versos a Tragedia
Estillo semelhante ao da Comedia ,
Nem o comico estillo se reveste
Da cêa sanguinoza de Thyeste.

Cada

Cada genero tem decentemente
Lingoagem , que lhe he propria , e com-
petente ,
Com tudo alguma vez a cauza he tanta ,
Que a comedia taõbem a voz levanta.
O colerico Chremes agastado
Ralha c'o filho em tom mais elevado.
As vezes a Tragedia a voz refteja ,
Se pede a occasiaõ , que isto affim feja.
Nem Thelefo , e Pelêo ambos bannidos ,
A extremoza miseria reduzidos ,
Tumidas frases termos empollados
Devem nunca exprimir , se magoados
Deixar pertendem aos Espectadores
Co' a triste narraçaõ das suas dores.

III.

Dos movimentos da alma.

N Aõ basta em hum Poema a formo-
zura ,

He precizo , que tenha tal doçura ,
Que

Que huma tal persuacão nelle se pinte ,
Que as paixoens , que quizer mova no
ouvinte.

O semblante dos homens ri , e chora ;
Se ve rir , e chorar : se tu agora
Queres , que eu chore , chora tu primeiro ;
E entãõ verás em mim o verdadeiro
Pezar , que cauzaráõ tuas desgraças.

Mas Thelefo , e Pelêo se o tempo passas
Em mostrar hum caracter mal fingido ,
A somno , ou rizo só serei movido.

Vozes tristes convem a rosto triste ,
Expreccão de ameaço ao irado assiste ,
O alegre sempre diz graciozidade ,
Sempre mostra o severo seriedade.

Capaz forma a natura o nosso peito
De sentir das fortunas todo o effeito.
Ella he quem nos ajuda , e impelle á ira ;
Ella he quem nos abatte , e nos inspira ,
Que arraste o rosto, que a tristeza opprime,
Dá

Dá palavras á lingua , com que exprime
Do nosso coração os movimentos.

Se os discursos do Actor forem izentos
Daquelle estillo , e tom , que propriamente
Deve ser ás fortunas competente ,
Nobres , Plebêos daraõ altas rizadas.

Sejaõ taes differenças ponderadas ;
Se quem falla he Heroe , ou Divindade ,
Velho prudente , ou ignea mocidade ,
Matrona authorizada , ou ama amante ,
Cultor de pobre campo , ou viajante
Mercador , que discorre pelo mundo ,
Se he da Assyria , ou de Colchos oriundo ,
Se em Thebas , ou se em Argos foi creado.

Ou tu debes seguir da fama obrado ,
Ou fingir entre si couza coherente.
Se o honrado Achilles torna a ser patente
Na Scena , seja activo , inexoravel ,
Seja ardente , colerico , incansavel ,
Naõ obedeça ás leis , naõ as venere ;
Na

Na justiça das armas tudo espere:
Inflexivel, feroz Medea seja,
Ino banhada em lagrimas se veja;
Perfido Ixion, Io vagabunda,
E Orestes em tristeza furibunda.
Se no theatro introduzir te atreves
Hum novo Personnagem, nunca debes
Desmentir seo caracter, qual se veja
No principio, no fim tambem tal seja;
Sem que nunca discrepe em parte alguma
Hum ponto só; porém nota que he huma
Grande difficuldade pertenderes
Dignamente formar os caracteres;
Que todos de inventar tem liberdade;
Será muito maior facilidade
Da Illiada argumentos deduzires,
Do que será na scena referires
Outros nunca tratados, nem ouvidos:
Farás teos os assumptos conhecidos
Nos tragicos lemites, se evitares

Epizodios uzados, e vulgares.

Nem fervilmente traduzir procures
 Palavra por palavra, nem te apures
 Em ser imitador escrupuloso,
 Entrando em lance, donde vergonhozo
 Possas fahir a ti te deshonrando,
 E as leis do teu poema violando.

Naõ cantes como fez antigamente
 Hum Ciclyco Escriptor turgidamente.
 = De Priamo a fortuna, e a nobre guerra =
 = Cantando espalharei por toda a terra =.
 Pode nada cantar do que repete,
 Quem tanto a boca cheia nos promette?
 Para parir os montes se preparaõ,
 Ridiculo ratinho á luz deitaraõ.
 Quanto melhor principio aquelle ensina,
 Que com nescio furor nada maquina!
 = Canta o Varaõ, ó Muza minha amada, =
 = Que ao depois de ser Troya conquif-
 tada =

= Costu-

= Costumes observou de muitas gentes =
= E viu muitas Cidades differentes =.
Não quiz que ao fumo a chamma precedesse ,

Só para que ao depois dizer pudesse
Sobre o Cyclope, e Anthiphates cruentos ;
Scylla , e Carybdes lucidos portentos.
A volta de Dyomedes não começa
Da morte de Meleagro , nem se apressa
Em dizer , que de Troya a guerra avara
Nos dous ovos de Leda começara.
Ao fim da sua acção ligeiro corre ,
E faz com que o leitor de quem discorre ;
Que estas couzas já sabe , vá lamente
Ao meio dos successos diligente ;
Despreza tudo o mais , que lhe desvia
As graças , e ornamentos da Poezia.
Na Epopeia he tão grande a magestade ,
Liga tanto c'ò a fabula a verdade ,
Pelo fertil engenho de que he cheio ,
B 2 Que

Que une o principio ao fim , e o fim ao meio.

Attende o que eu, e o povo dezejamos:
Se queres, que affentados nós te ouçamos,
Athe que erguido o panno já se tenha,
E que os *vivas* o Coro a pedir venha,
Nota os costumes bem de toda a idade,
Conforme os annos pinta a variedade,
Que nas indoles faz a Natureza.

Hum menino, que fabe com destreza
Fallar, e responder; que os passos guia
Seguros pelo chaõ, tem alegria
Em brincar com iguaes, e inconcidrado
Taõ depressa está bem como enfadado.
O moço a quem a barba ainda falta,
Do ayo livre já, contente falta,
Porque gosta de Caens, e de Cavallos;
E de soffrer, pois faõ os seus regallos
No campo Marcio duros exercicios;
Como cera se dobra para os vicios,

O bom concelho he delle aborrecido ,
Do que he util não cuida em fer provido ,
Prodigo em gasto , ativo , e cubiçozo ,
Ligeiro larga o que lhe foi gostozo.
Trocada a inclinação , que muda a idade,
O animo viril busca amizade ,
Busca riquezas , só á honra ferve ,
Sempre commete couza , que o prezerve
De não se arrepender. De mil cuidados
Os velhos andaõ sempre rodeados ;
Ou seja porque lidaõ anciozos
Em ajuntar riqueza , e ambiciozos
Abstem-se de gastar os bens ganhados ,
Ou seja porque timidos , gelados
Em tudo o medo os traz , e no negocio
Irrezolutos sempre , cheios de occio ,
Em conceber as esperanças lentos ,
A tudo o que he inercia sempre attentos,
Só de viver amantes cubiçozos
Intrataveis com todos , e queixozos ,
Do

Do fco passado tempo louvadores ;
 E dos mais mollos rigidos cenfores.
 Trazem mil bens os annos quando cref-
 cem ,
 Muitos males porém, quando elles defcem,
 Olha , que hum mollo nunca reprefente
 Papel , que for ao velho competente ;
 Nem na fcena appareça algum menino
 Com cofume , que feja de homem dino.
 Dá caracôr fiel a cada idade ,
 Ou que tenha apparencias de verdade.

IV.

Da representaçãõ , e recitado.

OU he no Theatro a acçãõ represen-
 tada ,

Ou fe recita como já passada.

As couzas , que nos vem pelos ouvidos,
 Os animos naõ deixaõ taõ movidos ,
 Como aquellas , que pelos olhos entraõ,
 Testemunhas fieis , que mais concentraõ
 Em

Em todo o Espectador por modo breve.
O que por si julgar, e aprender deve.
Naõ consintas, que á scena couzas venhaõ,
Que dentro do theatro lugar tenhaõ.
Dos noslos olhos muita couza affasta,
As quaes, que Actor facundo as narre,
basta.

Nunca Medea os filhos despedace
Na prezença do povo, em sua face
Naõ coza claramente Atrêo malvado
As entranhas humanas; transformado
Naõ seja Cadmo em serpente, ou Progne
em ave.

He taõ estranho da materia grave,
O que mostras assim, e he taõ alheio,
Que naõ só to naõ soffro, mas naõ creio.
Devem ser do teo Dramma sempre os
actos,
Nem mais, nem menos do que cinco
exactos,

Se queres , que elle torne a ser pedido ;
E sempre dos ouvintes applaudido.
Nunca nelle algum Numen appareça
Na soluçãõ do nó , salvo se desça
A dissolver o enredo a Divindade
Em sobre natural necessidade.
Nunca falle na Scena muitas vezes
O quarto Actor, mas pouco, e raras vezes.
De hum só Actor o Coro faça o officio ,
Entre os actos tambem tenha exercicio
Em ligar co' a materia quanto cante ,
E que proprio lhe feja , e semelhante,
Amizades fomenta , os bons proteja ,
Applaque o irado , adóce o que braveja,
Das igoarias louve a temperança ,
A faudavel justiça , a segurança
Das fabias leis , da paz louve a doçura ;
Conserve no segredo huma fé pura ,
E aos Deozes rogue , que a fortuna aparte
Seos bens do altivo , aos miseraveis farte.
Não

Naõ era a flauta antiga , como agora ,
Ornada de lataõ , competidora
Da trombeta naõ era , mas delgada ,
Simplex , por poucos furos aspirada,
A acompanhar o Coro assim servia ,
Do pequeno theatro o espaço enchia.
O povo inda naõ taõ multiplicado ,
Mas vergonhozo , honesto , e moderado;
Em grande multidaõ naõ se ajuntava.
Depois que começou o que triunfava
Os campos a estender com as batalhas ;
E as Cidades cingir d' amplas muralhas ;
Depois que foi nas festas celebrado
Com vinho o Genio , e o dia assim gastado
Sem castigo ficou , foi mais extensa
Dos versos , e da muzica a licença.
E que couza esperar se poderia ,
Se honesto Cidadaõ se confundia
No theatro com rustico habitante ,
E o livre de trabalhos co' ignorante ?
Assim

Assim flautista antigo aos sons modestos
Lascivia unio, requebros deshonestos,
E as roupas arrastou pelo tablado.

O simplex som da lira foi mudado,
No coro da Tragedia foi metido
Precipitado estillo nunca ouvido;

A hum grao subio taõ alto de eloquencia,
Que naõ tinha a Poezia intelligencia,
Ou porque uteis doctrinas dar quizesse,
Ou paraque futuros predicesse

Inventou-se lingoagem relevante,
A' Tripode de Delfos semelhante.

Aquelle, que a Tragedia compozera,
E que hum vil bode em premio recebera,
De satyros campestres nûs hum coro,
Sobre o theatro poz, mas com decoro
Deo de picantes graças liberdade,
Sem ferir da Tragedia a gravidade,
Porque era necessario hum modo novo;
Que atrahisse, que contivesse o povo,
Que

Que ao depois de acabado o sacrificio
Ao vinho se entregava , e a todo o vicio.
Mas convem , que estes fatyros saltantes
Na Scena graciozos , e picantes
Saibaõ ligar o serio com jocozo ,
De sorte que hum Heroe , ou Deos po-
drozo ,
De ouro , ou purpura á pouco inda ves-
tido ,
Naõ passe deste estillo a ser ouvido
Na tabernaria comica baxeza ,
Nem tambem por seguir sempre a gran-
deza ,
A humildade evitando , ás nuvens chegue.
E ainda que nas fatyras se empregue
A Tragedia , naõ soffre a indignidade
De versos , que naõ tenhaõ magestade ;
E ficaria muito envergonhada
Com fatyros obſcenos misturada ,
Do mesmo modo que Matrona honesta
Em

Em os dias , que faõ de alegre festa
Dançaria obrigada do preceito.
Se a fatyras , Pizoens , eu fosse affeito.
O estillo simplex naõ sómente amara ,
E as couzas por seu nome declarara ,
Mas tambem seguiria cuidadozo
O nobre estillo , simplex , e pompozo ,
Que fomite á Tragedia pertenceffe ,
De maneira , que bem se percebesse ,
Que havia differença conhecida ,
No que diz Davo , ou Pythias atrevida ;
Que a bolça a Simo alimpa destramente ,
E no que diz Sileno ayo , e servente
De Baccho.

Os argumentos eu tirara
De historia conhecida , e os disfarçara
De tal sorte , que todos julgariaõ ,
Que fazer outro tanto poderiaõ ,
Mas que tentando-o sempre em vaõ suaf-
sem.

Tam

Taõ novas graças , e bellezas nascem
Da contextura , e ordem , que polidas
Fazem ainda as fabulas fabidas !
Por meo conselho em versos delicados ;
Como se em Roma fossem educados ,
E no seo coração fossem nascidos ,
Naõ se exprimaõ os Faunos, que trazidos
Foraõ dos bosques ; nem tambem per-
tendaõ
Uzar de injurias , pelas quaes offendaõ
Com termos vis , infames , e grosseiros
Cidadoens , Senadores , Cavalleiros.
Semelhante auditorio naõ recebe
Com paciencia , o que aprova a baxa
plebe.

V.

Da versificação.

L Onga syllaba tem depois da breve
O Jambo pé veloz ; presteza leve
Mandou que entaõ trimetro se chamasse ;
Posto

Posto que de seis pés iguaes constasse.
Dos puros jambos pouco tempo dura
A uniforme primeira contextura ,
Pois buscou de Espondeos a gravidade ,
Porque ha nelles mais nobre suavidade ,
Mas que nunca o lugar , onde estivesse
O pé segundo , e quarto lhe cedesse.
Nos trimetros famosos , e preclaros
Ou d' Accio , ou d' Ennio os jambos são
mui raros ,
Só do tardo Espondeo , que o verso op-
prime
No Dramma uzaraõ. Reos de torpe crime
Ou se fizeraõ pela nimia pressa ,
E ao depois não limaraõ cada peça ,
Ou porque d' arte as regras ignoraraõ.
São poucos os que o gosto fino acharaõ
De julgar sobre a metrica harmonia.
Porisso estes Autores de Poezia
Acharaõ com favor nimia indulgencia.
Fia-

Fiado eu nisto entaõ com negligencia ,
Se escrever , quebrarei estes preceitos ?
E devo ao mundo expôr os meos defeitos
Por seguro me dando , e acautellado
De ser pelos ouvintes perdoado ?
Saber fomite as regras não me serve ;
Inda que eu todas com cuidado observe ,
Certamente a censura evitaria ,
Mas louvor só com ellas não teria.
Vós , ó Pizoens , de noute , e dia lede
Os Gregos exemplares , e relede.
Mas os nossos Avós admiraraõ
O metro , e ditos bons , que em Plauto
acharaõ ,
Se o que sabemos hoje he verdadeiro ,
Que o fino distinguimos do groceiro ,
E taes ouvidos , e compasso temos ,
Que a regradada harmonia percebemos ,
Por bondade se admira esta elegancia ,
Que só merece o nome de ignorancia.

VI.

Da origem das Peças Drammaticas.

DE huma tragica especie inda não
vista ,

Diz-se que Thespis foi primeiro Artista ;
E que Actores mostrou desfigurados
Pelas fezes de vinho , com que untados
Os rostos tinhaõ , quando recitavaõ ,
E sobre o carro os versos feos cantavaõ.
Deo mais honesta mascara aos Actores ,
Deo vestidos talares , e melhores
Eschylo ao depois deste , levantando
Medianno theatro , e o Damma ornando
De alto Cothurno , e estillo magestozo.
Torna a antiga Comedia , e copiozo
Applauso se lhe deo depois que veio ;
Mas das leis merecêo o justo freio ,
Quando em vicio cahio a liberdade ,
Com ellas perde a vil mordacidade
De infamar torpemente o Coro a todos ;
Na

Nada nò Dramma por diversos modos
Nossos Poetas de intentar deixaraõ ;
Nem menos fama ; e honras alcançaraõ ,
Aos Gregos naõ seguindo , só louvando
Os assumptos Romanos , e inventando
As fabulas pretextas , ou togadas.

Nem do lacio seriaõ mais louvadas
As armas , e o valor , do que a eloquencia
Propria ao Dramma, se houvesse a paciencia,
Que a nós Poetas tanto dezanima ,
Que he dar ás nossas obras tempo , e lima.
Ó Vós de Numa estirpe descendente ,
À aquelle reprendeí , que naõ intente
Riscar muito o poema , e sepultallo
Em si por longos dias , e limallo
Dez vezes finalmente , athe que tenha
A melhor perfeiçaõ , que lhe convenha.

Por Democrito crer , que na Poezia
O genio muito mais , que arte valia ,
E que do alto Helicon era excluido ,

Quem não tivesse o cerebro ferido ,
Porisso muitos nem a barba fazem ,
Nem cortaõ unhas , escondidos jazem ,
Não vão aos banhos na certeza estando ,
Que logo iraõ de Poetas alcançando
Conceito , e nome em tudo quanto obra-
rem ,

Se ao barbeiro Licino não deixarem
A cabeça rapar ; cabeças loucas ,
Para as quaes trez Antyciras' faõ poucas.
Simplex de mim ! que em cada primavera
Quero abile purgar , se o não fizera
Eu fora dos Poetas o mais raro ,
Mas tal não quero , que me custa caro.
Da pedra de amollar farei o officio ,
Que sem ter de cortar o beneficio
Ao ferro corte dá. Nada escrevendo ,
Os preceitos , que ensino irás tu vendo.
Mostrarei as riquezas da Poezia ,
Aos Poetas verás , quem forma , e cria ;
Vc-

Verás o que he , ou não digno da Muzã ,
Por qual véreda o vicio te conduza ,
E qual a estrada , que a virtude aponte :

VII.

REFLEXOENS SOBRE A POEZIA.

O bom senso he necessario aos Poetas.

DE bem escrever saber primeiro he a
fonte.

A moral, e socratica doutrina

Ampla materia te descobre , e ensina.

Nunca faltaõ as vozes sem violencia ,

Se se faz no discurso a deligencia

De bem se conceber , o que se escreve.

Quem conhece o que á Patria , á amigos
deve ,

Com quanto affecto o Pay hade tratar-se ,

E quanto ao Irmaõ , e hospede mostrar-se ,

Qual seja do conscripto o exercicio ,

Qual do Juiz , e Capitaõ o officio ,

Esse he que mostrará bem retratado

O caracter , que he proprio a cada estado.
Aquelle , que imitar quer doutamente ,
Por meo voto hade ter sempre presente
Da vida , e dos costumes o modello ,
E o toque lhe extrahir fiel , e bello.
Tendo a Comedia quadros delicados
De expreçoens, de costumes bem pintados ,
Inda que arte llic falte metro , e graça,
Com ella o povo muito mais engraça ,
Do que com versos pobres de substancia ,
Cheios de nada , e só de consonancia.

Engenho aos Gregos deo a Muza , aos
Gregos

Deo sublime lingoagem , porque cegos
Só se mostraraõ em querer louvores.
Hoje porem só longos contadores
Os meninos Romanos fer pertendem ,
E a libra em partes cem partir aprendem.
Diga o filho de Albino : se tiramos
De cinco huma onça só , que fica ? Vamos.
Qua-

Quatro : está bem , já podes estar certo ,
Que sabes os teos bens reger c'o acerto.
Huma onça agora ás cinco accrescentemos.
Quantas fazem ? Responde. Seis fazemos.
Ora os animos sendo entorpecidos
Da vil cubiça , e della só possuidos ,
Quem haverá , que versos manifeste
Dignos de Cedro , dignos de Cypreste ?

VIII.

Da mistura do util , e agradável.

O U querem os Poetas dar deleite ,
Ou querem dizer çouza , que aproveite ,

Ou ajuntar o util ao que agrada.
Se instruires estima a brevidade ,
Para que logo á perceber-se venhaõ
Os preceitos , que dás , e se retenhaõ ,
Quando hum vaso está cheio logo engeita
Todo o licor , que dentro se lhe deita.
Se divertir quizeres , só prepara

As

As ficções verosímeis , e repara ,
Que não se fie do comico argumento
Tudo quanto elle quer por ornamento.
Ver do ventre de lamia que he tirado
Vivo hum menino , sendo devorado ,
He couza , que na Scena se não mova.
O corpo Senatorio não approva
Assumptos , que não sejaõ proveitosos.
O dos Nobres despreza os rigorozos.
Quem tecer huma acção , que instrua , e
agrade

Seo nome levará á Eternidade,
Os mares passará, e de dinheiros
Hão de ricos ficar focios livreiros.

IX.

Há faltas nos Poetas dignas de perdaõ.

COm tudo alguma falta se perdoa ,
Nem sempre o tom , que amaõ de-
zeja , fôa ,

Quando toca na corda, antes pedindo
Hum

Hum baxo som , hum tiple está ferindo.
Nem sempre a setta fere ao que ameaça.
Porisso quando huma obra tem bem graça,
E tem muitas virtudes , não me offendem
As leves faltas , que da incuria pendem ,
Ou da humana fraqueza não prevista.
Pois que heide censurar ? Quando hum
copista

Na mesma falta cahe , de que tem sido
Já por continuas vezes advertido ,
Faz sua culpa de perdaõ indina.
Se acazo o instrumentista dezafina
Nas mesmas cordas sempre , incita a rizo.
O Poeta tambem a quem divizo
Em seos versos cahir na mesma falta ;
He para mim hum Cherilo , que esmalta
Em dous , ou tres lugares seos escriptos
Com passos na verdade bem descriptos ,
Mas dos quaes me ademiro escarnecendo.
Pelo contrario me enfureço em vendo ,
Que

Que vai Homero ás vezes dormitando :
 Porem para o seo grande engenho olhando,
 Como em tal obra foi taõ extendido ,
 Nem sempre estar alerta he premetido.

Á Poezia , e Pintura tem por certo
 Huns pedaços , que agradaõ mais deperto;
 E outros , que de longe faõ melhores,
 Naõ receia dos olhos julgadores
 A aguda perspicacia , quem conhece ,
 Que esta ser vista ás claras appetece ,
 E que pequena lux á aquella affista.
 Huma agrada huma vez fomite vista
 Mas outra agradará vista dez vezes,

X.

Naõ se soffre mediocridade na Poezia.

D Os Irmaõs , ó mais velho , naõ desprezes

Estas minhas liçoens , inda que norma
 Em teu Pay tenhas, que do bom te informa,
 E tenhas por ti já sabedoria.

Algu-

Algumas couzas soffrem mediannia.
Pode hum Juris consulto hum Advogado
Naõ ser como Messala taõ ornado,
Nem ser como Casselio taõ sciente,
E ter comtudo applauzos entre a gente.
Mas Poetas, que forem mediannos,
Nem os Deozes os soffrem, nem humanos,
Nem columnas nas publicas estradas.
Assim como nas mezas deliçadas
Discorde sinfonia, oleo corrupto,
E já com dormideiras dissoluto,
E fardonico mel se aborrecia,
Porque sem couzas taes bem se podia
Hum banquete fazer: do mesmo modo,
Se o inventado Poema, que só todo
Em alivio dos animos se emprega,
Hum pouco descaindo, elle naõ chega
Ao gráo mais excellente de bondade,
Irá cahir na opposta extremidade.
Naõ vai ao Campo Marico, quem ignora

O jogo d'armas ; quieto se demora ,
 Quem o trocho não sabe , a barra , e a pella ,
 Só dever se contenta , e se acautella ,
 De que o povo se ria impunemente ;
 E só nos versos , quem não he sciente ,
 Atreve-se a fazellos presumido.

E porque não ? Por livre não sou tido ?
 Acazo não sou nobre , e rico vivo ,
 De máo procedimento sempre esquivo ?

XI.

*Soccorros necesarios para formar hum
 bom Poeta.*

P Elo que toca a ti tenho por certo ,
 Que não dirás as couzas sem acerto ,
 Nem as farás sem bom discernimento.
 Tanto confio em teu entendimento !
 Com tudo se algum dia compozeres ,
 Ao Juiz Mecio mostra , o que escreveres ;
 Mostra a teu Pay , e eu tambem o veja.
 Nove annos encerrado o livro esteja ;
Estanç

Estando occulto póde fer limado ,
Mas emenda não tem se he publicado.
A palavra que sahe huma vez fóra ,
Nem torna , nem se escuza a culpa agora.

O sacro Orphêo , interprete divino
Domou da gente o animo ferino ;
Que no trato , e sustento cruel era ,
E porisso se diz , que rebatera
Os fanhudos leoens , os tigres duros ,
Não menos , que Amphião fundara os
muros

Da Cidade de Thebas ; e levava
Após da voz da lira , que soava ,
As pedras , e que a rogos as movia
Para donde a vontade lhe pedia.
Houve esta sapiencia antigamente.
A Poezia ensinava a toda a gente
Do publico apartar o bem privado ,
Distinguir o profano do sagrado ,
Enfrear as lascivas liberdades ,

Re-

Regra aos cazados dar, molir Cidades;
E fazer fábrias leis em taboa escriptas.

Nome divino, e honras infinitas

Os Vates, e feos versos alcançáraõ.

O insigne Homero com Tyrtêo chegáraõ

Depois destes, nos peitos accendêraõ

Hum animo Mavorcio. Em versos deraõ

Oraculos fatidicas respostas.

Nelles foraõ da Natureza expostas

Occultas producçoens; foi alcançada

Dos Reys por verso a graça dezejada.

Os Drammas se inventaraõ finalmente,

Para alivio daquelle, que se sente

Com trabalhos continuos opprimido.

Naõ tenhas peijo em ser por ti seguido

O douto Apollo, e em ser a Muza amada.

Questaõ foi já de muitos desputada,
Se obra em verso a arte mais, se a natu-
reza

Huma sem outra nunca tem belleza,
Sem-

Sempre será de igoal necessidade ,
 Que com laços estreitos de amizade
 Huma e outra se ajudem mutuamente.
 O Athleta , que estuda deligente ,
 Para chegar á meta que he prescrita ,
 Desde menino muito se exercita ,
 Soffreo muitos calores , muitos frios ,
 Buscou de Baccho , e Venus os desvios.
 O Flautista primeiro que se adestre
 Em cantar cançoens Pythias , soffreo mes-
 tre ,
 E do estudo soffreo a austeridade.
 Só para ser Poeta nesta idade ,
 Basta que diga = nobres versos faço : =
 = O ultimo não sou, que venço o espaço, =
 = He feyo para mim se me demoro , =
 = E o que não aprendi, dizer que ignoro. =
 Assim como , o que vende aprego-
 ando ,
 Ao povo tenta , a que lhe vá comprando,
 Assim

Assim o lucro tenta ao lizongeiro,
Se o Poeta tem bens, e tem dinheiro,
Pois se tem fertil meza, se elle fica
Por fiador de pobres, se se applica
Em valer aos vexados com letigios,
Será hum dos mais celebres prodigios,
Se fouver felizmente ao lizongeiro
Distinguir, do que amigo he verdadeiro.
Se algum presente á alguem tiveres dado,
Ou promettido, nunca convidado
Seja pois para ouvir o teu Poema,
Porque dirá com alegria extrema,
Bravissimo, he bem ditto, he bem pensado.
Pallida a face mostrará pasmado,
Chorará de ternura, dará saltos,
Batendo o pé, fará applauzos altos.
Assim como os chamados por dinheiro
A carpir nos enterros, verdadeiro
Pezar fingem, mostrando-o mais magoados,
Do que aquelle, que tem os enojados :
Assim

Assim tambem os vís adoladores
Costumaõ dizer inda mais louvores ,
Do que diz o que tem sinceridade.

Dizem , que os Reys , querendo
c'o amizade

Honrar alguem, primeiro o experimentavaõ,
Com muito vinho , que a beber lhe davaõ ,
A ver se lhe extorquiaõ o segredo.

Tu se versos fizeres , sempre medo
Tem de enganos de ouvintes simulados,
Com pelles de rapozas disfarçados.

Se leesses a Quintilio huma Poezia ,
Amigo , muda aqui , e alli , diria.

Se lhe installes entaõ , já o tenho feito ;
Risca tudo outra vez , teimara , e torna
C'o os mal torneados versos á bigorna.

E se visse porém , que apadrinhallos
Tu antes te inclinavas , que a emendallos,
Comtigo mais palavras não gastava ,
Nem com trabalho vaõ se fatigava ,

Dei-

Deixando liberdade para amares
Tú só os teos escritos, sem achares
Rival algum, que te metesse fusto.

O crítico prudente, sabio, e justo
Reprende os versos froxos, culpa os duros,
E risca os que não tem ornatos puros;
Corta os que são de pompa ambiciosos,
Aos escuros dá luz, aos duvidozos
Tira tudo o que tem de ambiguidade,
E aponta tudo o que mudar-se hade.

Outro Aristarcho enfim mostrar-se deve,
Nem diz = ao meo amigo em couza leve
Porque heide desgostar =? As leves faltas
Passão a ter o grão de culpas altas,
Se huma só vez o lizongeiro engana.

Do máo Poeta, como gente insana;
O sabio só fugir sempre procura,
Da lepra, da tiricia, da loucura
Furioza, ou fanatica tem medo.
O bando de rapazes sempre ledos

He só quem o persegue acompanhando.
E se acazo altos versos vomitando,
Lhe succeder cahir em cova, ou poço,
Bem como descuidado cahe n'hum fosso
O caçador nos melros embebido,
Ninguém se mostre entaõ compadecido,
Inda que esteja em alta voz clamando,
= Quem me acode =. Se eu visse, que lan-
gando

A corda alguém tirallo pertendia,
Oppondo-me ao soccorro lhe diria,
Quem sabe se elle mesmo foi disposto
A buscar esta queda por seo gosto?
E soccorro não quer. Por prova clara
De Empedocles a morte lhe contara,
Que por Deos immortal só quiz ser tido,
O qual de hum frio horror accomettido,
Precipitar-se foi no Ethna ardente
Seja licito pois, seja decente
Matarem-se os Poetas; dar a vida,

A' aquelle a quem for ella aborrecida,
Certamente he matallo; aquelle infano
Naõ foi huma só vez, que quiz tal damno.
Se do risco elle fosse entaõ livrado,
Nem porisso o veriamos curado,
Nem fer humano só pertenderia.
Em seo peito guardado ficaria
De taõ fallada morte affecto activo.
Naõ posso atinar bem, porque motivo
De verfar foi-lhe imposta a pena dura,
Se foi por profanar a sepultura,
Onde as cinzas paternas se enterraraõ,
Ou se foi porque acazo o encontraraõ
Em algum impio crime, commettido
No lugar onde o rayo foi cahido.
Seja o que for, he louco furiozo,
Que á maneira de hum Urso impetuozo,
Quando da cova as grades arrebenta,
Com versos insoffríveis affugenta
Ignorantes, e doutos; c'o aleitura

Dos

Dos versos mata áquelle , a quem segura ;
Qual tenax sangue-fuga não se aparta ,
Sem que tenha de sangue a pelle farta.

F I M.

The first of these is the fact that the
 "L. E. 1888" is a very common name
 for the "L. E. 1888" and is not a
 very common name for the "L. E. 1888".

L. E. 1888

JORNAL
ENCICLOPÉDICO
DEDICADO
À RAINHA
N. SENHORA,
E DESTINADO
PARA INSTRUCCÃO GERAL,
COM A NOTICIA
DOS NOVOS DESCOBRIMENTOS
EM TODAS
AS SIENCIAS, E ARTES.

Caderno 1. de Julho 1779.



L I S B O A

Na Officina de Antonio Rodrigues Galhar-
do, Impressor da Real Meza Cen-
soria. Anno 1779.

Com licença da mesma Real Meza:



SENHORA.

TUDO quanto se dedica á felicidade dos Portuguezes , he já por isso mesmo dedicado a V. MAGESTADE , a quem a Providencia destinou para nos fazer felices. O bem público he o maior interesse de V. MAGESTADE, e kuma obra dirigida a promove-lo , segue o seu destino quando lhe he ofrecida. V. MAGESTADE já se dignou reconhecer a utilidade do Jornal Enciclopedico , sendo servida conceder-me um privilegio exclusivo para o publicar : he a este titulo que eu

tenho agora a onra d' apresentar a V. *MAGESTADE* esta obra: ele me anima à implorar para a execução dela a Real protecção: se já o seu projecto teve a ventura de a merecer, para conseguir-se o seu fim he necessario que ella lhe seja continuada. O fim do *Jornal Enciclopedico* he, *SENHORA*, fazer os *Vassallos* de V. *MAGESTADE* mais virtuosos, e mais felices; porque o seu assunto he porpor-lhes a miudo os meios da felicidade, e os estimulos da virtude. Estes são os mais dignos objectos da attenção dos Principes: são estes os bens que os Portuguezes esperão de V. *MAGESTADE*. Para que a virtude possa reinar em toda uma Nação, deve primeiro ser colocada sobre o throno, e quando ali se acha, não pôde deixar de inspirar no Soberano a ancia de fazer feliz o seu povo. Como poderia V. *MAGESTADE* ser tão virtuozza, quanto todos a reconhecem, se o seu

Real

Real animo não fosse excitado desta nobre ancia? E como pôde uma obra, que contribue a este fim, deixar de ser protegida por V. Magestade? He certo que o nosso trabalho tem o mesmo objecto, que os desvelos de V. Magestade, a pezar da pouca importancia, em que talvés o queiraõ avaliar. Mas quem ouzará avaliar pouco importante uma obra, que V. Magestade se digna proteger? Que importa que ela não seja autorizada pelo nome do autor, que a empreende, se o Augusto Nome de V. Magestade orna o seu frontespicio? Quem lerá tão respeitavel Nome sem conceber estimação para a obra que ele autoriza? Os Eruditos se sentiraõ instigados a prestar o seu concurso para o bom successo déla, e todos o leráõ dispostos a cumprir o fim, a que ela he designada.

Praza a Deos que os nossos esforços nos fação dignos das bençaõs, que
nos

nos promete uma longa duração do Reinado de V. Magestade : e que entre os monumentos , que anunciarão aos vindouros a nossa prosperidade , tenha tambem o seu lugar o Jornal Enciclopedico.

Eu sou de V. MAGESTADE

Umilde , Fiel , e Zeloza Vassalo ,

Felix Antonio Castrioto.

A O

AO PUBLICO.

E Is-aqui em fim o primeiro caderno do Jornal Enciclopedico : seria necessario que os seus artigos fossem sumamente interessantes, para ele encher a expectação ha tanto tempo suspenza. Que faremos, se depois de tantos contratempos, temos a infelicidade de não agradar ao Público? Que! Pedir-lhe que faça justiça ás nossas intenções, e que não avalie os nossos esforços pelos seus successos. Sim, amados Compatriotas, o nosso zelo pela felicidade pública he puro, e he sincero: entramos nesta empreza; porque se nos prezentou a mais conducente ao objecto, que nos excitava, e para conseguir por ella o fim proposto a fizemos dependente da contribuição de todos, os que são excitados por semelhantes estímulos. O nosso plano achou geral approvação; mas quem não apro-

pro-

provará o projecto de communicar cada
mês ao Público a noticia de tudo o que
lhe póde ser util? E não podendo al-
guem negar a utilidade desta obra, quem
se empenhará em desacredita-la, sem
condenar-se ao remorso de ter impedido
o fim, a que ella se dirige? Se ha al-
gum Português, a quem este fim seja
indiferente, tambem lhe não importa
que o nosso projecto seja mal executa-
do; mas se o zelo Patriotico fás sentir
a alguém que a má escolha das mate-
rias, e os defeitos do estylo obstem á
utilidade projectada, deixe-se guiar des-
se nobre estimulo, procurando com o seu
concurso aperfeiçoar o nosso trabalho.

Em Portugal não avia um Jornal,
tendo sido em todos os outros paizes de
muito proveito as produçoens deste ge-
nero: os Nacionaes lamentavaõ esta fal-
ta, e os Estrangeiros a censuravaõ. Ago-
ra está dado o primeiro passo nesta em-
preza: quem dezeja que ella prospere.
de

deve contribuir para os seus progressos. Já no Prospecto que se publicou , convidámos a este fim *todas as pessoas instruidas , e zelosas do bem da Patria*: foi o meio que nos suggerio a ancia de ser bem succedidos , e o temor de não bastarem para esse effeito as nossas forças. Os que se deleitaõ com a mordacidade , sem attenção ao damno que cauzaõ , ou ao bem que impedem , não tem zelo patriotico : e porque taes pessoas nos não devem ser atendiveis , não nos podem interessar as suas censuras. Os bons Patriotas , sem se esforçar em mostrar defeituoza o nosso trabalho , nos comunicarãõ os meios de o fazer proveitozo : as suas insinuaçoens nos são necessarias; nós as solicitamos. Tornamos a dizer , que a nossa empresa he a todas as luzes util; se nos faltaõ os talentos para a executar completamente , póde supri-los a contribuição das pessoas abeis. Será este o Jornal da Nação : por meio de-

dele podem uns comunicar aos outros as suas luzes; e nós nos contentaremos com o officio de Editores. Ainda que temos correspondentes nos outros Paizes, d'onde nos são comunicadas todas as novas produções, já dissemos, que nos não serviremos das noticias estrangeiras, se não na falta das peças nacionaes; porque projectamos um Jornal Português, que seja não só um veículo d'instrucção para os ignorantes, mas uma occasião de se exercitarem os instruidos. O nosso cuidado será ajuntar os materiaes, e communica-los pronta, e exactamente ao Público.

He verdade, que a nossa prontidão não parece muito recomendavel, depois de se ter posposto por um anno a publicação do Jornal: mas deve saber-se que ainda nos paizes, onde há menos difficuldades que vencer, he coisa ordinaria mediar um anno entre a publicação d'uma obra; e a do seu Prospe-

pecto: que muito he que isto nos succedesse? Quem soubesse quantos obstaculos nos foi necessario remover, talvés se admiraria de que já nos achassemos em estado de poder principiar. Faremos, quanto nos for possível, para que os cadernos se publiquem no principio de cada mês; pedimos porém que se advirta que ainda depois d' estar tudo pronto da nossa parte, ficamos sujeitos aos impressores, e abridores: já por esta razão foi retardada a publicação deste caderno; esperamos com tudo encher o segundo semestre deste anno, publicando seis cadernos, que farão dois volumes. (*)

Com a demora se accumuláraõ as materias, e achámos na reducção delas, que

(*) Sentimos que seja necessario dizer que a cauza, por que annunciámos, que tres cadernos farão um volume, he porque as paginas se seguirão nos cadernos que devem ajuntar-se, como he costume. Quem esperaria uma censura sobre este ponto?

que quatro artigos enchiaõ superabundantemente o primeiro caderno. Determinados por tanto a dividir os artigos, escolhemos para principiar a Filosofia, a Medicina, a Istoria Natural, e a Literatura, deixando para o segundo caderno a Economia Civil e Rustica, as Relações politicas dos diferentes Estados do Mundo, com o Resumo de noticias, as Anecdotas e Miscelanea, e as Produccoes Literarias de todas as Naçoens. Com tudo he nossa intenção que os seguintes cadernos contenhaõ materias de todos os oito artigos mencionados no Prospecto. Portuguezes, eis-aqui uma grande empreza! Unamos os nossos esforços para a efeituar: ella he verdadeiramente digna da vossa attenção: quem poderá negar-lhe o seu concurso? Quanta satisfação não resultará a quem entrar no nosso trabalho, de ver, em consequencia dele, generalizar-se a instrucção, destruirem-se os prejuizes, fazerem-se conhe-

ci-

cidas , e praticadas em Portugal todas
as coizas , de que se aproveitaõ as ou-
tras Naçoens ? em fim igualarmo-nos
com elas , e cessar de ser o objecto dos
seus reparos. Que pena , se este projecto
se malogra ! Deos o não permita.



ARTIGO I.

FILOSOFIA.

DE VENDO tratar da Filosofia nas suas diferentes partes, parece a propósito fixar a idéa dos nossos leitores sobre o que ela seja em geral; porém n'um século, em que se fala tanto de Filosofia, n'um século, que até grangeou o nome de Filosófico, ainda será necessário determinar esta matéria? Sim. Por isso mesmo que tantos falam em Filosofia, tem-se feito vaga a sua idéa: por isso he necessário fixa-la. Na verdade quantos se tem por Filósofos, que se achariaõ embarassados se lles perguntassem que coiza he Filosofia?

Falar com hum tom d'escarneo nas matérias mais serias, e mais respeitaveis: rir-se da credulidade de nossos Pais; e reduzir a duvida o que a parte mais sensata dos homens tem por indubitavel, será isto Filosofia? Quem tal dirá? com tudo grande numero de pessoas pertendem parecer Filósofos por estes modos. Que ridicularia! Vamos

ver se a podemos destruir, dando noções mais certas da Filosofia.

A dificuldade, que se tem encontrado, ainda nas linguas mais abundantes, de achar termos adequados a todas as idéas, fêz, que entre os mesmos Gregos a Filosofia tivesse diversas accepções, e o mais que oje poderemos fazer será determinar quaes destas accepções são applicaveis ao nosso tempo. Poucos ignorão que Pitagoras, rejeitando modestamente o nome de sabio, foi o primeiro, que se chamou Filosofo; isto he desejo de saber. Desde então ficáraõ sendo sinonimos estes dois nomes, e até o tempo de Socrates se chamaraõ Filósofos os que indagavaõ as cauças de todos os phenomenos.

Voltou ele o estudo para a Moral, e fundou a seita dos Academicos (*), que faziaõ consistir a Filosofia em estabelecer as maximas, per que se devia regular a conducta dos omens para serem felizes. A' seita dos Academicos se seguirãõ muitas outras, cada uma das quaes appropriava ao seu sistema

(*) Chamados assim de Academo, que lhes deo um terreno perto d'Atenas, em que faziaõ as suas conferencias.

tema o titulo de Filosofia: e tornando a admitir nos seus exames os objetos da Física, uns julgavaõ que o Filosofo devia conhecer, e explicar todas as coizas pelas suas causas, outros cuidavaõ que o Filosofo só devia saber duvidar de tudo. (*) Taes ouve que tendo a verdade por inacessivel, declaravaõ que todas as coizas eraõ inexcrutaveis, sem deixar por isso de as escrutar. (**) Estes sistemas se communicaraõ aos Romanos; e duraraõ entre eles até ás irrupções dos Barbaros; que destruiroã o seu Imperio.

Eis aqui o que os antigos intenderaõ por Filosofia: vejamos agora o que intendem os modernos: vejamos até mesmo se podemos descobrir o em que elles intendem mal.

Comummente falando o dizer d'um o-mem que ele he um Filosofo, vale o mesmo que dizer que he um Estoico; isto he, um o-mem dedicado ao estudo, e insensivel a tudo o mais, como affectavaõ ser os discipulos de

a ii

Zc-

(*) A estes chamavaõ *Septicos*.

(**) Estes se chamavaõ *Acataleticos*.

Zeno. (*) Mas outra coiza se intende quando se dís, que um omem trata uma materia como Filosofo : isto quer dizer que ele a trata , servindo-se só das luzes da razaõ , que podem aumentar-se pela observaçaõ , e pela experiencia.

Um Filosofo moderno he logo aquele , que , tendo a sua razaõ por guia , a naõ sujeita á autoridade dos outros omens , nem mesmo á de Deos. Nem mesmo á de Deos ! Isto negaráõ os nossos Filosofos , que naõ forem Ateistas. Neguem embora , que ainda mal , esta he a Filosofia de que oje se fás ostentaçaõ : e até chegaõ a crer , que sem a adoptarem naõ podem parecer sabios. Que lastima ! Foi a arte dos prevaricadores de todos os saõs principios o fazer uma moda desta prevaricaçaõ das nossas faculdades : quantos a seguem , por que temem sem isso naõ valerem nada !

Duvida alguem que os Filosofos da moda prefiraõ a sua razaõ á autoridade de Deos ? Pois diga que outra coiza he o
naõ

(*) Chamados Estoicos , porque Sene dava as suas liçoẽs n'uma porta d'Atenas chamada Esta , ou Stoa.

naõ se dignar de examinar as provas , que atestaõ , que Deos nos revelára os dogmas , que se anunciaõ como revelados por ele ? Ora examinem-se os argumentos , com que os chamados espiritos fortes atacaõ a Religiaõ , e ver-se-ha que todos se dirigem a mostrar que ella discorda da razãõ , e que devendo por isso rejeitar-se , o homem que se lhe sujeita se degrada. Mas convindo que Deos he o autor da nossa razãõ , opôr esta a quem no-la deo , naõ he o maior dos absurdos ? Logo uma Religiaõ , que se apresenta fundada sobre a autoridade divina , naõ deixa outro ponto a examinar , se naõ se he verdade que Deos a autorisa : mas este he o caminho , que a Filosofia da moda naõ segue.

O grande argumento dos nossos Filósofos he : que a razãõ nos foi dada por Deos , e que a Religiaõ nos he dada pelos homens : e uma persuasão humana que impugna um dom divino he inatendivel. A razãõ foi-nos dada por Deos para nossa guia : crer o que ella naõ dicta , naõ he segui-la , e naõ a seguir he desobedecer a Deos. Para que nos

fêz .

fês Deos racionais , dizem elles , se para lhê dar culto nos não avemos servir da razão ? Omens infatuados ! quem vos disse que a nossa crença nos obriga a renunciar a nossa razão ? O dom mais interessante que recebemos de Deos , porque nos ha de faltar nos pontos do nosso maior interesse ? Vós loís quem vos afastais da razão , quando mais presumis segui-la. Que ha , de que a razão nos convença mais fortemente do que da infinita bondade , e infinita sabiduria de Deos ? Que coiza ha logo mais conforme á razão do que crer o que revelou um Deos , que não pode enganar-se , nem enganar-nos ?

Mas quem nos disse que Deos revelára o que nós cremos ? Isso he o que os taes Filósofos se despresaõ de examinar , e deste desprezo he que pende o seu erro. He verdade que uma ilusão fabricada pelas nossas paixoes , nos apresenta algumas vezes a Revelação como uma istoria , que o interesse fês inventar a quem a contou ; e cre-la parece indigno da elevação do Filosofo ; mas isto interessa-nos demaziadamente para pararmos nesta apparencia. Trata-se da nossa
for-

forte eterna, dís-se que he Deos quem fala ; e nada importa tanto a quem tem a infelicidade de duvidar neste ponto , como o examinar o fundamento que ele tem : á ! que neste exame apparecem provas , que forçao a nossa convicção , e só quem se não serve da razão pode ter forças para lhe resistir. Dispaõ-se os que prezumem de Filósofos , das suas prevenções , examinem candidamente os documentos , que provaõ a Revelação divina , e acharaõ neles mais do que he necessario para se convencerem déla. Estes documentos tem sido excelentemente propostos por muitos omens iluminados ; não toca ao nosso afunto repeti-los. Nós não nos propomos tratar aqui de controversia , mas sim explicar que coiza seja Filosofia , e mal por éla , se para ser orthodoxos fora necessario abandoná-la.

Incumbe-nos por tanto destruir o erro que quer fazer a Filosofia incompativel com a Religião , e devemos mostrar que he a razão quem guia a nossa crença. A Religião sim exige sacrificios da nossa razão , propondo-nos , para crer , mysterios , que éla não com-
preen-

preende; mas a isso mesmo nos persuade a razão, dando-nos a conhecer que o poder de Deos he infinitamente superior á nossa comprehensão; e se a razão se sujeita á Religião crendo o que não intende, he por que a Religião em certo modo se sujeitou a razão provando-lhe a infalibilidade do seu autor. Leibnis explica esta materia com um exemplo bem adequado. (*) Um Embaixador, dís ele, prova a autoridade da sua missão com as Cartas Credenciaes, e tudo o que dís depois he crido como dito pelo Principe seu amo. Assim a Religião, depois de provar á razão, que Deos he o seu autor, a obriga a crer em tudo o que lhe anuncia. Digão embora que a Religião nos he dada pelos omens, mas saibão que nós não cremos nêla, se não por que nos convencerão da sua autoridade divina. Que ha nisto contra a Filosofia?

Porque ha de um Filosofo indignar-se de sacrificar a sua razão ao que ella mesma lhe mostra como revelado por Deos? Porque

(*) No Tratado, que intitulos Theodicea;

que não comprehende o que lhe propõem para crer ! Mas toda a sua Filosofia não o exime de crer na ordem natural muitas coizas , que de nenhum modo intende. Será conforme á razão o julgar Deos menos poderoso nos objetos da fé, que nos phenomenos da natureza ? Nenhum Astronomo tem já oje difficuldade em crer, que a atracção do Sol contém os Planetas nas suas orbitas ; e todos confessaõ ignorar que coiza seja esta atracção. A razão nos mostra que os corpos não podem obrar se não por contacto , e sujeita-se com tudo a crer que um astro opéra sobre outro em tão enormes distancias. Que coiza ha mais repugnante , que a idéa da composiçaõ dos corpos animados , pela contribuiçaõ simultanea dos dois progenitores ? A maquina mais admiravel da natureza ; em que uma infinidade de partes se combinaõ com uma correlaçãõ reciproca , como pode ser composta por dois individuos distintos , e independentes , incapas cada um deles de organizar uma fabrica , que nem intende ? e não obstante , a semilhança dos filhos ao Pai , e á Mãe nos convence de que o
feto

feto não estava formado em nenhum deles ; mas que a sua composição resulta da contribuição de ambos. Em quantos outros arcanos da natureza se não abisma a nossa indagação , ou para dizer melhor , qual he o phenomeno natural , em que não encontre repugnancias a nossa observação. No que chamão a roda d'Aristoteles se mostra geometricamente , que dois circulos concentricos , rodando sobre dois planos respectivos , o interior deve necessariamente avançar mais depressa do que o exterior : e tambem geometricamente se prova , que nem um só ponto pode um avançar antes que o outro ; sem que até agora ouvesse alguém , que conciliasse esta contradição. Talves que tirado um , ou outro , não proponha a Religião para crer pontos tão escuros.

Temos dito até aqui , que os espiritos fortes atacaõ a Religião , esforçando-se a mostrar que ella discorda da razão : para elles esta discordancia vale o mesmo que contradição , por que zombaõ da distincção , que fazem os Teologos entre o que he superior ; e o que he contrario á razão ; mas por mais
que

que esta distincão lhes pareça escolastica, elle he inevitavel, e he natural. Todos conhecemos, que os mysterios da Religião são incompreensiveis, como o são tambem os da natureza, e já ha muito tempo, disse o maior dos Filozofos, (*) que até ao fim do mundo não intenderão os homens as coizas que Deos fêz. Não poderão porém mostrar um só ponto da nossa fé, que seja contrario á nossa razão. Ainda o mesmo mysterio inefavel da Trindade Beatissima não destroe em nada as regras da boa Logica. Outro tanto não podemos dizer da roda d'Aristoteles, de que fizemos menção.

Leibnis disse (**) que deduzindo-se as nossas noções umas das outras, compoem estas uma cadeia que as liga todas. O que he contrario á nossa razão, não só não entra nesta cadeia, mas não pode existir sem a destruir; por que he incompativel com ella. Porém o que he superior á nossa razão, sem lhe ser contrario, não entra na cadeia das nossas noções, mas pode existir sem

(*) Salomão no livro do Ecclesiastes.

(**) No Tratado citado acima.

fem a destruir , por que he compativel com éla. Taes são os mysterios da nossa Religião. Nós porém cremos poder estabelecer que elles , e ainda os mais incompreensiveis entraõ na cadêa das nossas noçoens.

A primeira destas noçoens he que somos dotados de razãõ. (*) Segue-se que éla nos foi dada por um ser , que existe de si mesmo , e de necessidade he infinito em todos seus attributos : um deles he a sua infalibilidade : logo devemos crer , como infalivel tudo o que elle nos revela : ora as provas de que a nossa Religião he revelada , por elle entraõ nas noçoens , que se seguem nesta cadêa ; logo nela entra tudo quanto a Religião nos propõe para crer. Que importa que a razãõ não atinja os Mysterios da Fé , se éla atinge a conhecer que elles são revelados por um ser infalivel ?

A infalibilidade de Deos he uma das nossas primeiras noçoens , e deve ter por isso mais força em nós , que todas as outras ; que vem depois ; de forte que não ha coi-

za

(*) He o Ego cogito de Descartes.

za taõ evidente á nossa razaõ , qae naõ deve ceder á autoride divina. Se Deos dicesse que dois , e dois naõ saõ quatro , devia cre-lo , com tanto que as provas de que Deos o disse tivessem para mim a mesma evidencia que tem a idéa de dois , e dois ferem quatro. (*)

Eu naõ posso duvidar que o que Deos dís , é infalivelmente certo , e de tudo quanto se me representa sem Deos o dizer , só posso pronunciar que me parece assim. (**) Ora concluir do que me parece para a realidade he fazer um salto na serie das minhas noções ; pois naõ ha nela alguma que me certifique , que as coizas saõ como me parecem : isso seria estabelecer que eu sou infalível,

(*) Isto parecerá naõ concluir nada , mas será a quem naõ reparar , que entre evidencias iguaes tem a preponderancia a autoridade de Deos , sendo sempre mais forte a negação da sua infalibilidade : se as provas da sua Revelação se equilibraõ com a outra evidencia , a sua autoridade determina o nosso juizo.

(**) Este ponto entra na doutrina , que muitos seguem sobre as evidencias metafisicas , e requer por isso maior exame : nós o trataremos outra vés no art. da Metafisica : por ora no que respeita ao assunto presente , nós parecem indubitaveis as proposições , que avançamos.

livel , e do contrario he que a minha razão me convence. Mas por que não convence éla da mesma verdade os nossos Filósofos ? esses geníos atrevidos , que com uma arrogancia insolente querem sujeitar Deos ao seu parecer ! Rejeitaõ a Religiaõ por que lhes não parece conforme á sua razão ; e sem examinar se he Deos quem a revelou , decidem que a não revelára , sómente por que se lhes representa uma obra indecente a Divindade , indigna d'um Deos justo , e sabio. De sorte que para Deos só deve ser decente , e justo o que se conforma com a idéa que eles entretêm da decencia , e da justiça : e um ser tão ignorante , como o homem , he quem ha de decidir o que pode convir à sabedoria do Omnipotente ? Não advertem que a razão só lhes foi dada para governar a sua conducta , e atrevem-se a erigi-la em regra da conducta de Deos : em lugar de a aplicar a conhecer a vontade divina para se conformar com ella , a empregão a determinar o que Deos pode , e deve fazer !

Que diríamos d'um discípulo , que
tendo

tendo aprendido d'um bom Matematico algumas regras de simples Aritmetica , quando lhe propozessem um Problema , que pedisse extracção de raizes , e só foffe solúvel pela Algebra , dicesse que era insolúvel , e affirmasse que nem seu mesmo Mestre o poderia resolver , por que se não continha nas regras , que recebera dele ? Temerario ! em que se funda a tua prezunção , quando queres circunscrever pelos teus talentos os do teu Mestre ? Esqueces-te que ele deve saber mais do que te ensinou ati ; pois que a tua ciencia não he se não uma mui pequena porção da sua ? as regras , que ele te deo devem dirigir as tuas operações , e não as dele , que reservou para si outras , que tu ignoras.... Mas quanto he maior esta temeridade , considerada entre o homem , e Deos ? Já Santo Ambrozio confundio um chamado Filosofo , que se prezava de comprehender a natureza divina , só com lhe fazer algumas perguntas á cerca da natureza da formiga : eis-aqui o cazo dos Filósofos modernos , mas que Filósofos ?

Mereceráó este nome os autores que
nos

nos querem impôr com as suas artificiozas expressões ? Da-lo-he-mos áquelles que se deixaõ levar dos artificios dos outros ? Aonde está aqui a Filosofia ? O' cuidemos em fer Filósofos , não nos deixando iludir ! Em parte nenhuma he taõ necessario como em Portugal destruir esta iluzaõ. Os Portuguezes quasi separados do Comercio Literario das outras nações , correm risco de serem preza facil ao perverso designio d'alguns livrinhos , que longe de serem o fruto da boa Filosofia saõ o seu descredito ; e o seu vituperio. A cavilação dos que os escrevem conspira com a ignorancia dos que os lêem para os enfatuar na idéa de que só quem não he Filósofo admite a Religiaõ com sinceridade. Victimas miseraveis da seduçãõ ! eles saõ o ludibrio da sua credulidade , e he taõ vã a presunção que os cega , que olhaõ com compaixão para os que crem nã que Deos disse , como para gente , que ainda não abrio os olhos. Mas quem saõ esses vossos sabios , cujas luzes vem agora esclarecer a terra ?

Já Bacon , digno restaurador da sã Filosofia-

Filosofia, disse: que são os meios Filósofos; os Filósofos superficiaes, que não crem na Religião; mas que a solida Filosofia cada vés mais nos firma na fé: Que nos mostrem entre a feita dos incredulos um omem como Bacon. Confundão embora a incredulidade com a Filosofia moderna; mas nós estamos certos; que essa não he a Filosofia de Descartes, nem do Neuton; (*) pois sabemos que ambos eles creraõ firmemente na Revelação ao menos escripta. Qual dos nossos inovadores compararemos com estes grandes Filósofos? Qual compararemos com um Fenelon, com um Bossuet, com um Flexier, com um Malebranche, com um Pascal, com um Grocio, com um Volfio, com um Muratori, e com tantos outros tão profundos Filósofos, com decididos Christãos? e entre os que ainda vivem com um Franklin, um Priestle, um Duhamel um

b

Bu-

(*) Porque o sistema dos Turbilhoes de Descartes, e das suas tres materias se não sustentou, pensão alguns que ele não merece o nome de grande Filósofo; mas quem cuida assim, avalia mal os talentos deste omem admiravel; sabe mal quanto a Filosofia lhe deve, e quanto o mesmo Neuton se aproveitou das suas luzes;

Bufon, (*) e outros, que verdadeiramente Filósofos sabem aliar a Filosofia com a Revelação? e quaes lhes oporemos? Serão os Poetas quem hajaõ de decidir o que nós devemos crer?

Mas vós que sem tomar o trabalho d'aprofundar esta materia, ou sem os talentos, e os estudos necessários para aprofundá-la, decidís tão facilmente um ponto, que não podeis negar ser o do vosso maior interesse, em que estabeleceis a opiniaõ, que adoptais? Na lição d'alguns pequenos tratados, que favorecem as vossas inclinações, e que foraõ eseritos para contentar as dos seus autores? Escapa-vos o artificio, com que procuraõ captar a vossa atençaõ? Não vedes que um tom decizivo, e faceto encobre nessas composições o que lhes falta de sólido? Quereis parecer Filósofos, e deixais-vos convencer porque o estilo vos diverte? Mas só a força das razões he que deve convencer o Filósofo: pode éla suprir-se com di-

(*) Entre os Filósofos citados ha alguns Protestantes, mas elles creem na Revelação, e o nosso ponto he mostrar que a Filosofia se lhe não opõe.

dictérios? he essa a linguagem da Filosofia? Se o officio desta he dar às coizas o seu justo valor, como se serve dela quem zomba nas materias mais serias, que os omens podem tratar? Já ha muito que éla condenou *Ludere in rebus seriis.*

Ou a Religião he verdadeira; ou um grande numero de omens se achão enganados nela; e confirma-los na verdade, ou desengana-los do erro em tal materia, he tudo o que ha de mais interessante, e de mais serio. Este he digno objecto da Filosofia; mas éla deve proporcionar á gravidade, e á profundidade da materia um exame grave, e profundo: quem dirá que estas qualidades competem ás obras, de que falamos? e como pode competir aos seus auctores o nome de Filósofos?

A Revelação divina he o fundamento da Religião: os argumentos, que a provaõ, são muitos; e muito fortes: se em fim éla não he verdadeira, he necessario destrui-los todos, para nos convencer do erro; pois conforme á boa Logica, em quanto subsiste um argumento convincente; em vão se

destruam todos os outros. Mas essa empreza como pode effectuar-se n'um livrinho de poucas paginas, cheio aliás de inepcias, e destinado a fazer rir o leitor? (*) E apparece no mundo uma obra destas, com o intento de defenganar os omens, mostrando-lhes que he falsa uma Religião, que ha tantos seculos reina na melhor porção do genero humano, triufante de tantos, e tão fortes ataques, e estabelecida em successos tão maravilhozos, que fazem ver a mão

Omni-

(*) Ao menos as obras de Porfirio, Celso, e outros adversarios antigos da Religião, parece que erão mais methodicas, e mais profundas, pelas refutações, e apologias, que vemos dos Santos Padres. Mas na guerra moderna, que se tem suscitado contra a Religião, entre um enxame de producções frivolas, e inconsideraveis, não tem apparecido alguma obra de trabalho, e de ponderação. O Sistema da natureza he a unica em que ha algum methodo; mas tão cheia d'absurdos, que he a que tem feito menos dano à Religião, e nem merecia o trabalho, que tiverão alguns sabios de a refutar. Talves que vendo o não successo dos antigos, os modernos mudaraõ o modo do ataque: persuadidos que era em vão querer convencer os juizes, dirigiraõ-se a provocar os animos, e ridiculizando tudo, se prometem maior fructo das suas facecias, que dos mais estudados argumentos: e tanto chega a depravação do gosto!

Omnipotente que a sustenta ! Quem não pasma da empresa ? e quem não pasma do seu successo , vendo que ha quem cede á tal sedução ? Mas porque ? Logo responderemos a esta pergunta : vejamos primeiro com que justiça condemnaõ de não Filósofos os que se não deixaõ seduzir.

Em que se mostraõ Filósofos os nossos adversarios ? Em que fazem consistir esta Filosofia , de que nos exterminaõ ? em examinar todas as coizas ? em comparar umas com outras ? em fazer uzo d'uma critica escrupuloza ? elles o pertendem ; mas na verdade essa he a Filosofia de que nós nos servimos , para nos firmar na nossa crença , e para a defender contra os que a impugnaõ ; com a circumstancia notavel que nós procedemos sempre de boa fé. Os Escritores Orthodoxos tem tudo examinado : não tem disfarçado alguma dificuldade , que se encontre no nosso Catecismo , ou nas nossas Escrituras : tem prevenido todas as objecções , que nos podem fazer : e nós não ficamos firmes na nossa opiniaõ , se não depois de ter achado á todas as dificuldades solu-

soluções , que nos satisfazem ; e que nós conservão a todos unanimes , e concordes.

Certos assim da sinceridade do nosso procedimento , passamos a examinar o dos nossos adversarios , e que achamos ? em tudo o contrario : achamo-los continuamente em opposição uns com os outros : manifestamente em contradicção consigo mesmo , sempre de má fé : (*) umas vezes nos imputão propozições que nunca proferimos : outras prevertem o sentido das nossas expressões : citaão autores , que nunca existiraão , passagès que se não achaão : (**) em fim tudo conducta de gente que parece nada temer tanto , como a verdade. Que fás um destes Filósofos ? Vai extrair d'um dos nossos Comentadores algumas das difficuldades , que ahi se achaão tratadas sobre pontos da Religiaão : produ-las como descobertas por si , cala cuidadosamente as respostas , que lá estavaão , em lugar delas orna o seu discurso com quatro graçolas , e eis-ahi um livro con-

(*) Nós não nos cansamos a provar estas asserções , por que sabemos que estão muitas vezes provadas.

(**) Veja-se o Prefacio ao segundo volume dos erros de Voltaire por Mr. Nonot.

contra a Religião. (*) Entendamo-nos : se isto he Filosofia , nós nos dedignamos de ser Filoſofos. Tal Filoſofia he indigna do omem onrado , he o oprobrio da humanidade. Contra éla ſe declarou ha pouco tempo a Uni-verſidade de Paris n'um Programa , que pro-

(*) He coiza curioza ver que M. de Voltere ataca a verdade das Eſcrituras com os argumentos que tirou dos Expoſitores Catholicos , diſſimulando ſempre as reſpoſtas que elles lhe dão , para os propor como ſeus , e como inſolúveis. Querem uma prova diſto : leiaõ o que ele diſ no Diccionario Filoſofico , ſobre a idade de Abraam , e de ſeu Pai. No cap. xi. do Geneſis ſe diſ que Tara tinha 70 anos quando gerou Abraam , e que morrera de 205 : e na cap. ſeguinte ſe diſ que Abraam tinha 75 anos , quando ſaio de Aram : e ſe Tara já era morto quando Abraam ſaio d'Aram , ou já eſte devia ter entaõ 135 anos , ou ſeu Pai não podia ter , ſe não 145 quando morreu : em qual-quer dos cazos há um erro de 60 annos.

A prova de que Voltere não tirou eſta difficuldade da Eſcritura , he que ele diſ que eſta contradicção ſe acha no livro do Geneſis ; e o caſo he que neſſe livro não ha contradicção alguma , porque lá não ſe diſ que Abraam ſaia de Aram depois da morte de ſeu Pai. A oppoſição he entre o livro do Geneſis , e o dos Actos dos Apoſtolos (de que ele não fáz menção) no qual S. Eſtevaõ diſ na Oração que fêz antes da ſua morte , que Abraam ſaia de Aram , depois da morte de ſeu Pai. Já ſe tinha reſpondido a eſta difficuldade , mas que diſ Voltere da reſpoſta : nem uma pa-lavra. Ora ſiem ſe lá em tal gente,

propôs , convidando os sabios a mostrar quanto a chamada Filosofia moderna he nociva ao Estado.

Todos os legisladores acharão que a Religião influe essencialmente no bem da sociedade ; porque influe nos costumes dos Cidadãos ; e consequentemente os atentados contra ella são crimes civis , e objecto do rigor das leis. Do que cada um pensa dentro em si mesmo , só he ele responsavel diante de Deos ; mas do que dís , ou fás em prejuizo da Religião revelada , e definida , deve responder diante do Principe , ou dos Tribunaes , a quem ele cometeu á esse fim a sua autoridade. He de toda a justiça que se castiguem , como criminozos , os innovadores , que destruindo as idéas da Religião , fazem cessar o mais forte motivo de obrar bem ; mas a oração coroada sobre o dito Programa distingue bem entre a Filosofia , e o feo abuzo.

Fora bom que todos foubessem aqui o desprezo , em que são tidos em França esses que se chamaõ Filósofos , porque pervertem a Filosofia : stigmatizados com o nome

ne de Enciclopedistas , são o objecto da execração geral; e não obstante , o mais sábio d'entre elles não pôde evitar , no seu famoso discurso , (*) meter a necessidade da Revelação na serie das nossas idéas. Este facto bastaria para fazer o triumpho da Filosofia , e da Religião ; bastaria para invalidar os ataques que fórma contra ella a nova feita , quando aliás esta não tivesse perdido pela sua conducta todo o seu credito. Mas que atenção se deve dar ao que dizem uns omens , que tem excitado a averção de toda a gente de bem ; por que o seu procedimento tem mostrado que lhe faltaõ todos os principios , não só da Religião , mas da probidade , e da onra? Promptos a sacrificar tudo ao seu interesse , não conhecem lealdade nem entre si mesmos : falaõ continuamente da virtude , e da eroicidade , e são capazes das acções mais indignas , e mais viciosas. (**)

Pare-

(*) *Mr. d'Alembert no Prefacio da Enciclopedia.*
 (**) *Que nos disculpem a acrintonia destas expressões : quem duvidar se são verdadeiras informe-se, como nós temos feito , e quando as achar taes , pondêre de quanta importancia he conhecer esta gente , para se não deixar seduzir por ella , em materia que interessa tanto a humanidade , e o mesmo Deus.*

Parece que basta um animo desapaixado para ver , que omens guiados de paixões desenfreadas rejeitaõ a Religiaõ , só por que éla poẽ freio ás suas paixões : e para mitigar o remorso , que he inevitavel a quem toma tal partido , procuraõ fazer este forte , ganhando gente para ele. O horror do crime diminue quando ele se fás comum , e basta ver pensar os outros como nós , para afastar a idéa de que pensamos mal. Eis-aqui porque estes omens perversos empreendem perverter os outros : a sua empreza acha as inclinações lutando com o dever , e com o socorro d'elas infelizmente decide muitas vezes o combate contra a razão. Esta he a resposta á pergunta que pouco ha fizemos. Isto he assim , ainda mal ! mas como pode julgar-se Filosofo quem se conduz deste modo ? se o primeiro officio da Filosofia he incitar os omens pelos dictames da razão a seguir o justo , e onesto.

Cuidará talvez alguém , que nós exageramos estas coizas ; tomáramos nós poder duvidar delas. O mal seria menor , se esses omens alucinados podessem dizer de boa fé que

que tinham tomado o partido que julgáram mais acertado. A sua falta seria então no entendimento, e seria por isso só digna de compaixão; seria falta de Filosofia, porém não seria abuzo dela. Mas aonde acharemos um homem de bons costumes, que tendo-se conformado ás maximas da Religião, em quanto creu que ella era verdadeira, a rejeitasse, porque a razão desapaixonada o convenceu da sua falsidade? Não vemos ao contrario, sem o poder duvidar, que neste caso he sempre o vicio quem abre a porta ao erro? e que os homens inabilitando-se pelos máos abitros a resistir ás paixões, s'esforçam em fim a crer que as coizas são como os seus appetites lhes fazem desejar, que ellas fossem? Não he no entendimento, mas sim no coração que o impio dís que não ha Deos.

Esta reflexão nos deve consolar dos progressos, que fás a impiedade; pois verdadeiramente não são perdas que fás a Religião. Os homens que se declaraõ contra ella já a tinham rejeitado pelos seus costumes; e que perde a Religião em gente que a descreditava mais professando-a; que negando-a?

do-a? Porque o numero dos estultos he infinito: são poucos os que se conformaõ ás maximas da Religiaõ; que importa que destes haja alguns, que a neguem de palavra, depois de a terem negado de obra? Se ha muitos que onraõ a Deos com a boca, e tem longe dele o coração, que muito he que haja alguns que o não onrem nem com a boca?

Agora devemos responder á outra questaõ que tinhamos feito antes. Porque não convence a razaõ os nossos Filósofos da facilidade, com que eles se enganaõ, e de que sendo infalivel a palavra divina, devem sujeitar-lhe o seu parecer, crendo o que éla revelou? He que a fé he um dom de Deos, de que se fás indigno, quem desobedece ao que ele manda. Só em quem ele infunde esta virtude acerta com o caminho da verdade, e se convence dela. Mas justamente castiga Deos com a privação das luzes da fé a quem voluntariamente se priva das da razaõ: e permite que possa resistir á sua Revelação exterior, quem resiste ao que ele revela dentro em nós mesmos. As nossas paixões nos obsecam; quem as segue anda
em

em trevas , é quem ama as trevas em que anda , aborrece a luz : que muito he qu'ela lhe falte ? e a quem éla falta , de que lhe serve ter olhos ? por isso está dito desta gente que com olhos não vem , e com ouvidos não ouvem.

Filosophos prezumidos , quereis convencer-vos da verdade da Religião ? sede Philosophos na realidade : deixai-vos guiar das luzes da razão ; segui os seus dictames , e renovereis com isso os obstaculos , que impedem a vossa iluminação. Evitai o vil pedantismo de decidir uma materia , sem estar iniciados nos seus principios : ou abraçai a Religião de vossos Pais , por que vos dizem que Deos a revelára : ou se tendes a infelicidade de duvidar deste ponto , examinai-o bem ; mas procedei neste exame com um interesse sincero , conformando-vos ao que vós mesmos sentís que Deos exige de vós. Isto he fazer bom uzo da razão ; isto he ser verdadeiramente Filosofo : e longe que a Religião se oponha á Filosofia , vereis que a falta desta he a que produz a incredulidade. Ó quem pudera interessar os omens neste ponto do seu maior interesse ! mas seria

necessario para isso acha-los na calma das paixões, pois no tumulto delas em vão se lhes fala de razão, e de Filosofia.

Falta-nos só ponderar a imputação que nos fazem os Protestantes, dizendo que os Catholicos renunciaõ á Filosofia, sujeitando-se cegamente a tudo o que decide a Igreja. Se lhes dizem que nós cremos no que decide a Igreja, por que a autoridade da Escriitura a declara infalivel; respondem que nós não cremos na Escriitura se não pela autoridade da Igreja; e julgaõ que todos os Catholicos são tão máos Logicos, que se deixaõ cair neste circulo viciozo. Mas enganaõ-se; por que supõe que a nossa razão não entra nada nesta deducção. Nós somos convencidos por ella, que a Revelação divina requer um deposito, que a conserve; que em vão Deos teria revelado o culto que requer de nós, se não estabalecesse a sua Igreja para o manter puro. (*) Esta Igreja

(*) Para ser convencido desta verdade, basta achar-se em Inglaterra, Olanda, ou em outro pais Protestante, e ver como cada individuo fórma um Catecismo ao seu modo. He coisa bem digna de reflexão ver, que os Ingleses estão

agora

a nos certifica da inspiração divina das Escri-
turas, e nós achamos nelas declarada a infali-
bilidade da Igreja. He verdade que estas duas
autoridades se corroborão reciprocamente,
mas não concluiríão nada sem o soccorro
da razão. Por onde quer que principie-
mos, he a razão quem nos guia: he o exa-
me mais Filosofico, e mais critico, que nos
convence, que as Escrituras sagradas não
podem ser invenção umana, e que pela au-
toridade divina que nelas se prova, deve-
mos sujeitar-nos ás decizões da Igreja, que
élas declaraõ infalivel. Mas já a razão nos
convence que a Igreja he de instituição di-
vina, e que são inspiradas por Deos as Es-
crituras, que éla nos declara como taes.
São em fim dois caminhos que nos condu-
zem á palavra divina, e que lá se encon-
traõ.

A muitos parece equivoca a expressão
do.

agora clamando ao Parlamento para que os despenhe de sub-
screver aos 39 artigos que fazem o símbolo da sua Igreja;
desde que se separaraõ da verdadeira. E o Parlamento não
tem outra razão, com que se negar a esta petição, se não
que um culto revelado requer a autoridade da Igreja que
o conserve.

do nosso Catecismo : Que cremos no que Deos disse , porque ele o disse , e assim o ensina a Igreja. Nada deve ter tanta força como a autoridade de Deos. O que ele dís não necessita d'outra autoridade , porque nenhuma lhe he igual. A autoridade da Igreja funda-se na inspiração divina , que he de superior autoridade pela regra : *Propter quod unum quodque tale &c.* Mas he claro que esta expressão quer dizer , que cremos no que Deos disse porque ele o disse , assim como o ensina a Igreja. Não necessitamos da autoridade da Igreja para crer o que Deos dís , mas necessitamos dela para crer que ele o disse.

35 Pareçe que em fim nos metemos a Theologos : mas era necessario mostrar que podemos ser orthodoxos , sem deixar de ser Filósofos , e expurgar a Filosofia da imputação de incompativel com a Religião , fazendo ver que esta se firma naquella , se temos por Filosofia o bom uzo da razão. Propusemos examinar o que os modernos entendem por Filosofia , e o em que eles entendem mal. N'um exame desta importancia nada deve

deve omitir-se : porque, se não he completo, não satisfas.

Isto tínhamos que dizer quanto á idéa mais geral da Filosofia ; mas n'uma idéa mais restricta, e mais escolastica se chama Filosofia a uma sciencia, ou doutrina ; que se distingue por esse nome das outras. A maior parte das Universidades se dividem em quatro faculdades, que são a Teologia, o Direito, a Medicina, e a Filosofia. Esta última comprehende as Mathematicas, a Fizica, a Metafizica, e tambem a Moral em algumas Universidades. He conforme a esta accepção, que no nosso Prospecto dividimos as materias do artigo da Filosofia em Moral, Fizica, Metafizica, e Quimica, por serem as partes mais interessantes déla.

Deveríamos agora tratar destas partes separadamente ; mas tendo insensivelmente estendido este artigo além dos limites, que lhe prescreve a distribuição das materias no nosso Jornal, deixaremos para outra vês os assuntos particulares da Filosofia, contentando-nos agora do que temos dito déla em geral. A qual dos nossos leitores parecerá

c

perdi-

perdido o tempo , que empregamos nesta materia? Dirão talvez que a tratamos mal ; pois sirvaõ os nossos esforços ao menos para excitar a outros a trata-la melhor. Nós estimaremos sumamente , que haja quem queira servir-se do nosso Jornal , para publicar algum discurso sobre este ponto de tanta importancia.

ARTIGO II.

MÉDICINA.

HA pouco tempo a esta parte que no nosso país se contaõ prodigiosos effeitos de um remedio contra a gota ; o qual , bem que entre nós seja moderno , por quanto tudo nos chega aqui tarde , em outros paizes he já ha alguns anos conhecido ; como bem comprovaõ as datas de uma coleçaõ de cartas , em que se comprehende uma exaõta noticia deste remedio , e presuppõe que já dele avia antes noticia na Europa.

Como este remedio tem alvoroçado muitas pessoas com a esperança , que vai raiando , de experimentarem algum alivio os que antes se tinhaõ por incuraveis , parece que he este Jornal lugar proprio , para darmos ao Público o que sobre este ponto tem succedido , transcrevendo algumas das ditas cartas , que naõ julgamos ainda muito vulgarizadas. Foraõ ellas escritas por M. Emerigon Procurador da Coroa de Fran-

ga no Almirantado de S. Pedro da Ilha de Martinica. A primeira he dirigida ao Conde de Rozieres , e do teôr seguinte.

S. Pedro de Martinica 8 de Janeiro de 1776.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

D Ou a V. E. a conta , que me pede , tanto da minha molestia da gota , como da pretendida cura. Esta molestia não he em mim ereditaria , senti os primeiros ameaços em 1767 quando já contava 55 anos , e se deo a conhecer com amiudadas dores nos pés , joelhos, e mãos : entendi que não era gota , mas defenganou-me um violento ataque , que me sobreveio em 1769 com todos os sinais de estar realmente gotoso. A este ataque succederão outros , que todos os anos repetião , e cada vês duravaõ mais , e eraõ mais violentos , tanto nos pés , como nos joelhos : senti-o tambem nas mãos , ora em ambas , ora n'uma só: o ultimo , que pade-ci em Setembro de 1774 foi o mais cruel , porque foi geral , e por mais de 2 mezes pade-

padecei dores inexplicaveis. Infructuosamente me applicaraõ no tempo da crises fomentações , e cataplasmas de todas as castas , pois que délas não recebi alivio algum.

Quis indagar a cauza deste mal : triste consolação ! Vi que todos os DD. tanto antigos , como modernos concordavaõ que a gôta he molestia indomavel , cuja natureza não se conhece : que he a soberana das dores , que estas se não podem mitigar , e que quantos mais remedios se lhe applicaõ para a rebater , maiores forças cobra : que quantos meios se empregão em a adoçar ou vencer , a irritaõ mais , a dilataõ , a obrigaõ a fazer depositos , e muitas vezes a sobir para o peito : e que em quanto dura a doença o melhor remedio he a mesma dor.

Achei porém noticia de que um velho gotozo , já totalmente tolhido , depois de padecer 50 annos fora radicalmente curado com o remedio de um carioça. Informei-me do facto , e achando ser verdadeira a cura , dei-me pressa a uzar do mesmo remedio , do qual senti logo saudaveis efeitos. Compõe-se o remedio pelo modo seguinte:
Põe-

Põe-se em uma garrafa, ou frasco canada e meia, e meio quartilho de Tasiat, ou agoa ardente de cana d'assucar boa: lança-se-lhe de infuzaõ duas onças de goma *guaiacum*, aliàs de pão santo feita em pó: fecha-se a garrafa exactamente, e se tras ao sol sete, ou oito dias, mexendo-a, e chocalhando-a de tempos a tempos para ajudar a dissolver a goma. Convem ter cautela em não encher a garrafa, ou frasco, para que com a fermentação não rebente. Passado este tempo, se cõa o licor por um pano de algodão, ou papel pardo, e se lança em garrafas bem tapadas. He util fazer boa porção deste licor; porque quanto mais antigo melhor he. A dóze que se toma, he o que pode levar huma colher ordinaria, e se toma todos os dias em jejum. Não tem bom sabor, mas com o costume se perde o enjoo. He circumstancia precisa o fazer o remedio com Tasiat, ou agoa-ardente de cana d'assucar, pois que a agoa ardente de vinho não tem a mesma virtude.

Comecei a uzar deste remedio em Novembro de 1774; e immediatamente cobra-
raõ

raõ as minhas pernas , que depois do ataque estavaõ sem forças : e pouco a pouco se foraõ desfazendo os calos , ou grossuras , que tinha em quasi todas as juntas das maõs , e pés : ou fosse isto virtude do remedio , ou fosse fruto do uzo que fíz do fabaõ branco , de forte que tenho perfeitamente restabelecido o jogo dos movimentos , e sómente me duraõ duas ligeiras nozidades , ou durezas , que me não incomodaõ , e que cada dia se vaõ diminuindo.

Já não sinto aquélas dores derramadas , que tanto me atormentavaõ , e eraõ annuncios de novos ataques ; de forte que ha 15 mezes que logro perfeita saude , que ha 7 ou 8 anos tinha perdido.

Tirei mais do uzo diario que faço deste remedio outra ventagem. As viscozidades agraras plautores , e a excessiva pituita me obrigavaõ a recorrer a miudo ao remedio da sangria ; e com a purgaçaõ tem-se dissipado estes incomodos ; e o meu estomago facilmente fás as suas funções. Tenho bons fundamentos para me capacitar de que este licor tem a virtude de desfazer , e adelga

desgaçar o umor gotoso, e de embarçar que ele tome consistencia, e se fixe: como tambem de cooperar para a evacuação, ou seja pela expectoraçãõ, que he abundante, depois de se ter tomado o remedio, ou pela liegira purgação, que ele cauza,

Com tudo ainda me não dou por inteiramente seguro, por quanto tem succedido que alguns gotozos gabem muitas vezes certos remedios, e que não obstante eles vem depois a recair; mas se passar este anno sem ter ameaço algum de gota, dar-me-hei por curado radicalmente. A dieta que observe he a seguinte. Abstenho-me de grandes comidas, e de toda a casta de excesso: passadas uma, ou duas oras depois de tomar a dóze do remedio, almoço sopas de leite: janto sobriamente, porém não tenho melindre na escolha dos alimentos: como carne, peixe, legumes, salgado, e com todo o tempero, ou guizado; ou seja frio, ou quente tudo me fás boa digestão, menos quando o alimento he muito carregado. Ou deixo de cear, ou como muito pouco: a unica bebida de que uzo, he de bom vinho

velho de Burdeos , misturado com agoa :
deito-me ás dês oras da noite , e levanto-
me ás cinco da manhã.

Naõ tomo banhos , nem de agoa fria ,
nem morna , porque uma vês que os to-
mei me fizeraõ recair , e tive dois ataques
de gota. Com este remedio , e regimen de
que uzo , desfruto perfeita saude na idade
de 64 anos. Quanto naõ aproveitará á uma-
nidade se este remedio for capás de extirpar
a mais cruel , e infofrivel de todas as mo-
lestias ! Eu sou &c. = Emerigon =

Continuaremos no seguinte caderno a
transcriçaõ destas cartas. No Jornal de Me-
dicina de París , do mês de Maio 1777 ,
em que élas se publicaraõ , se lhes juntou a
nota seguinte.

Comunicamos estas cartas , pelas pre-
ciosas observaçoẽs que contém. Fomos tes-
temunhas oculares em muitas pessoas do
bom exito do remedio , que se preconiza :
com tudo devemos advertir que tres pessoas
em razã do muito calor , que este remedio
lhes incitava nas entranhas , naõ poderaõ con-
tinuar a uzar dele sem lhe diminuir a doze
pres-

prescrita da metade , misturando-a em um copo d'agoa com assucar. He essencial advertir , que he util ter grande cuidado em não satisfazer a vontade de comer , que se aumenta em quanto se uza deste remedio : e julgamos indispensavel que os gozozos de constituição secca , e inflammatoria se sujeitem a um regimento , que umedeça , e refresque.

NAõ he menos a favor da humanidade a applicação que se tem posto em indagar as cauzas , e procurar os remedios de outra molestia chamada pelos Medicos *Colica Pittonum* , e em França *Colica do Poatu* , porque naquella Provincia se sente com mais frequencia : em Inglaterra lhe chamaõ *Colica de Devonshire* por serem tambem ali mais comuns os seus estragos. Os orriveis sintomas deste mal tem excitado de novo a fazer observações sobre ele , e entre varias pessoas , que ha dês , ou onze anos tem renovado um trabalho , que já antigamente tinha sido frustrado , parece o mais bem succedido Mr. *Jaques Hardí* Medico Ingles ,

o qual publicou ha pouco em Londres as experiencias , que tinha feito nesta materia , as quaes destroê a distincção , que quizerão fazer em *França* entre *Colica Metalica* , e *Vegetal* , (*) attribuindo esta segunda , ou os efeitos , a que se sente no *Poatu* , aos vinhos , frutas agras , e cidras , de que uzaõ os habitantes daquela Provincia. Mr. Hardi foi incitado a fazer as suas experiencias por um facto succedido no Condado de *Cornouailhes*. Dois rendeiros deste país compraraõ de sociedade uma porção de cidra para darem aos seus ceifeiros : os ceifeiros de um dos compradores se acharaõ muito bem com o uzo desta bebida , mas os do outro se acharaõ atacados da colica do *Poatu*. A cidra era irmã , e as porções foraõ repartidas com igualdade : os ceifeiros quasi trabalhavaõ no mesmo sitio , e ás mesmas oras. As indagações , que se fizeraõ ácerca da cauza de taõ variados efeitos , mostraraõ que o primeiro costumava mandar a cidra em um barril

(*) M. Gardane, Medico da Faculdade de Paris , tratou amplamente este ponto em um livro modernamente publicado com o titulo : *Recherches sur le Colique metalique*.

ril de madeira , e o outro uzava d'uma vazilha de barro vidrada ; e o acido , e subtil da cidra quasi lhe tinha gasto todo o vidro.

Este facto deixa graves fofpeitas de que este vernis foffe a cauza da colica , que fobreveio aos que o beberaõ ; o que parece que M. *Hardi* chega a demonftrar. Tendo pois examinado , e ponderado as diferentes ipotefes ácerca das cauzas da *Colica Pitorefca* , profegue pelo teôr feguinte.

« Convencido por um maduro exame
 « de que nenhuma das cauzas até agora mencionadas he capás de produzir accidentes
 « paraliticos , he neceffario criminar deles o
 « chumbo introduzido no corpo humano ; fendo o caracter proprio , constante , e uniforme deffe metal o de produzir fimi-
 « tes effeitos. Depois fe fe repara que a Coli-
 « ca Pitorefca ataca principalmente a claffe
 « inferior dos Cidadaõs , naõ deve affombrar
 « que ifto me obrigue a confiderar , em que
 « efpecie de vafos fe coftuma transportar a
 « bebida deffa gente , e quaes faõ os de que
 « uzaõ regularmente as peffoas de maior qualidade : e reparei que neftes paizes o mais
 « vul-

vulgar he servirem-se de vasos de barro vidrados , por não dizer que são os únicos , de que uza o povo para beber ; e examinando a quantidade de chumbo que entra na composição do vidro , me espantou o ver , que era necessario quasi uma onça de chumbo para vidrar a medida de um quartilho. «

Passa depois M. H. ás experiencias , com que prova a subtiliza do chumbo dos vasos vidrados , tirado tanto pela cidra , como pelos mais licôres. Extrairemos as que foram feitas com cidra , depois de termos exposto a composição de um liquido , a que o Autor chama *test* , liquido probatorio , de que ele fás muitas vezes menção na sua obra. Tome-se uma onça de buro pimento , duas onças de cal viva : e tendo pizado cada coiza separadamente , se misture , e posto isto em um vidro com capacidade , se lhe lance em cima doze onças d'agua da chuva , e fechado muito bem o vidro , se ponha a calor moderado por 24 horas , mexendo o vaso de duas em duas horas : no fim deste tempo se tire , e se dei-

te em uma garrafa bem tapada. Pode-se fazer isto mais breve deixando ferver este liquido por tempo de meia ora. Se acazo deitando algumas pingas deste licor em vinagre de litargo, o tolda, e fás alguma coisa negro, está bom o vossó licor probatorio. A garrafa deve abrir-se poucas vezes para se não perder a virtude deste licor, pelo que he conveniente guarda-lo em frasquinhos de onça, ou meia onça. Quereis conhecer se acazo certo vinho branco tem mistura? lançai-lhe umas pingas deste licor em um copo meio de vinho; se ele de amarelo se fás vermelho, escuro, ou denegrido, se se tolda, julgai por estas alterações mais, ou menos promptas, e sensiveis, o grão de *falsificação*, que cauza o chumbo. Se o vossó vinho não he falsificado, não lhe vereis mais do que algumas sombras cor de leite.

I. Experiencia. Conservou-se por seis oras em uma tijela vidrada um quartilho de mosto tirado do lagar, deitando poucas pingas do licor probatorio em um copo deste mosto, fés sombras avermelhadas. Tendo-o deixado assentar por 9 oras, o mesmo licor
falsi-

úscitou outras sombras mais carregadas ; no fim de 12 oras foraõ ainda mais carregadas , e o mosto se toldou em pouco tempo ; depois de 24 oras deo este mosto umas nuvens cor de figado ; e mexendo-o com um páo , todo o liquido tomou a mesma cor. Reparei que era indifferente lançar-lhe 5 , ou 10 pingas de licor probatorio , e que a cor da sombra parecia depender exclusivamente da quantidade das particulas mineraes , de que o mineral se achava impregnado. Deitando-se a mesma quantidade de licor em um vazo de vidro com o tal mosto , e guardado em uma garrafa de vidro, não cauzou alteraçãõ alguma.

II. Experiencia. Conservou-se em uma vasilha de barro vidrado , que já tinha servido , meia canada de cidra ordinaria , que avia quasi dois mezes , que estava feita , e isto pelo espaço de duas oras. Lançando-lhe algumas pingas deste licor pelo mesmo teôr que deixamos dito , se conheceo mudança atendivel na cor da cidra. Repetio-se a experiencia nos intervalos de 3 , 4 , 5 , 6 , 7 , e 8 oras , e foi aumentando a mudança de cor na mesma proporçaõ , de sorte que se
lhe

lhe chegou a conhecer á medida da alteração, o tempo que cada copo de licor tinha estado no vazo de barro, antes de se lhe acrescentar o licor probatorio.

A cidra que tinha estado 8 oras, tinha a cor do vinho da Madeira; e esta cor foi sendo mais, ou menos carregada na cidra que se conservava na vasilha 18, e 24 oras. Convém reparar que a cidra, e todos os mais licores, que serviraõ nas experiencias, já se tinhaõ tambem experimentado antes de os lançar em vazos de barro vidrado, e não tomaraõ cor alguma.

III. Experiencia. Pos-se aferver um quartilho da mesma cidra em uma tijela de barro vidrada, e conservaraõ-no no lume 20 minutos; e o liquido probatorio lhe fêz tomar cor taõ carregada, como na cidra da experiencia precedente, que tinha estado 18 oras no vazo de terra vidrada.

IV. Experiencia. Mexeo-se de vagar por meia ora um quartilho de cidra ordinaria em semelhante vasilha, a fim de lhe dar quasi o movimento, que se podia supor que teria ao transportar-se da caza para o cam-

po, e fazendo a experiencia com o licor, se achou estar a cidra evidentemente tão empregnada de chumbo, como quando esteve 3 oras em vazo similhante.

V. Experiencia. Lançou-se um quartilho da melhor cidra em uma destas vazilhas: agitou-se por 2 oras: e a experiencia mostrou leves indicios de impregnação do chumbo. Passadas 3, 4, 5, 6, 7, 8 oras, aumentaraõ os sinaes, mas foi menor a progressão quazi tres oras, do que na cidra comua conservada o mesmo espaço de tempo na mesma vazilha.

VI. Experiencia. Lançaraõ-se 10 graõs de assucar de Saturno em um quartilho de cidra ordinaria, e passadas 24 oras tinha esta cidra muito melhor cor, e melhor gosto; mas feita a expediencia, immediatamente tomou cor mais coberta que a cidra, que se conservou por 12 oras em vazilha de barro vidrado.

As circumstancias destas experiencias accrescentaremos algumas reflexões, que élas inspiraraõ a M. Hardi. Todo aquele, dís ele, que reparar com atençaõ nestas expe-

riencias , ou para melhor dizer , todo aquele , que quizer tomar o trabalho de as repetir ou todas , ou parte délas , entendo eu , que se defenganará , que o que délas rezulta he uniforme , e constantemente o mesmo. Estou persuadido de que todos concluirão sem custo , que a cauza geral das Colicas Endemicas de Devon-Shire fica delas vista , e palpavelmente demonstrada.

Todo o país deporá , que entre nós se uza geral , e abitualmente de vazilhas de barro vidrado de differentes tamanhos de quartilho até 2 potes : tambem he notorio que a cidra se manda de caza do lavrador para os trabalhadores , que andaõ no campo em vasos fimilhantes , e que vai para sitios muito remotos : que muitas vezes aquece ; e pela terceira experiencia se mostrou , que o calor , ainda prescindindo do movimento , a dispoê a embeber em si particulas saturninas. Eis-aqui um facto , que merece toda a atençaõ , quando se pertende descobrir a cauza geral. Além disso pode-se fupor seguramente , que como até agora se não tem desconfiado do uzo destas vazilhas ,
se

se não tem feito reflexão ao tempo, que nelas se demora a cidra, nem nisto se põe cautela alguma. Pelo que pode succeder que alguma vés se beba resto de cidra, que ficasse do dia antecedente, e que se demorou muitas oras neste vazo; espaço sufficiente para se ter impregando com porção de chumbo capás de cauzar a colica com todos os symptomas, de que tratamos.

Pelo que mostra a segunda experiencia, basta que a cidra se demore 2 oras em vazilhas de barro vidradas para se embeber sensivelmente de particulas saturninas, e em cada ora seguinte vai sobindo gradualmente esta impregnação.

Daqui parece coligir-se, que como o uzo de similhante louça he geral entre o povo deste país, as pessoas que tem uzo ordinario de beber cidra, introduzem constantemente no estomago, e intestinos certa dóze desta solução nociva, que he a unica cauza legitima da molestia, de que se trata.

Do que se pode deduzir a razão, por que averá familia, que se salve da colica,

que atormenta os seus vizinhos , ainda avendo quasi o mesmo regimen , e a mesma preparação da cidra ; succedendo isto unicamente , porque os primeiros uzem de vasilhas de vidro , madeira , ou barro não vidrado ; e os outros de vasos de barro vidrado.

Esta será provavelmente a cauza , por que os moradores de *Devon-Shire* são mais sujeitos a esta colica do que os de *Glocester* , de *Worcester* , e de *Herefort* , onde talvez que sejaõ mais vulgares do que entre nós as vasilhas de vidro , de madeira , e de barro não vidrado.

Por aqui se vê a razão , por que geralmente os pobres padecem mais esta molestia , que os ricos : e tambem a razão , por que os creados , trábalhadores do campo , que sómente uzaõ da cidra ordinaria , aspera , e mais picante , padecem mais dela : a razão he , porque uzaõ de vasilhas de barro vidrado , e uzaõ de cidra de ruim qualidade , a qual como já mostramos nas experiencias 2 , e 5 , despega mais facilmente as particulas nocivas , e se embebe delas , do que a cidra de melhor qualidade. «

Acon-

Aconselha depois M. Hardi , que se experimente tambem a cidra , que se a-de comprar : e fospeita , com muita probabilidade , que a colica convulsiva , taõ vulgar nas Indias Occidentaes , tenha cauza no uzo das vazilhas de barro vidradas.

Estas observações são dignas de se darem geralmente a conhecer , pois tem utilidades applicaveis a todos os paizes. Em Portugal não he comum o uzo da cidra ; mas a primeira experiência , feita com mosto , prova os máos efeitos , que se devem temer de conservar-se o vinho em vazilhas vidradas , maiormente o vinho verde , de que uzaõ os abitantes de algumas das nossas Provincias , o qual abunda de particulas acres , e por isso mais prompto para dissolver o chumbo , que entra na composiçaõ do vidrado , ou vernis dos ditos vasos. O vinagre he um menstuo muito mais forte para fazer esta dissoluçaõ , do que a cidra : e he coiza muito vulgar o conservar este licor em vasos vidrados , ao mesmo tempo que nenhuma Naçaõ fás tanto uzo nos seus temperos deste ingrediente , como nós. He ver-

da-

dade que em Portugal não se padece com frequencia a colica, de que tratamos, mas basta que se sinta algumas vezes, para que se deva applicar-lhe o remedio; além de que o chumbo sempre he nocivo dentro no nosso corpo, e ainda quando não chegue a causar a colica metalica, pode occasionar outras muitas molestias. Quem sabe se a isto se devem attribuir as queixas d'estomago, os defeitos nas funções das primeiras vias, que incomodaõ a maior parte da gente em Portugal? A paralisia das extremidades he o symptoma característico da colica metalica, e he bem possível que o chumbo, sem ofender os intestinos, e causar esta colica, afecte os nervos, e seja a origem, a que muitos paraliticos devaõ o seu mal.

Em outro caderno daremos conta de algumas paralizias occasionadas pelo chumbo, e outros metaes, que ha pouco foraõ curadas em França por virtude da electricidade. O já citado M. Gardane publicou sobre esta materia um tratado intitulado: *Conjectures sur l'electricité medicale*.

Como o uzo dos vasos de cobre, e ainda de

de estanho pode tambem ocasionar efeitos perniciosos , trataremos dos respectivos symptomas das molestias , que costumão ocasionar estes metaes , e de alguns remedios eficazes contra elles , modernamente comprovados pela experiencia. Inculcamos sobre esta materia , que se lêa um tratado sobre os contra-venenos , publicado o ano passado em dois volumes por *M. Navier*.

O Barão d'*Hupsak* , digno Cidadão de Colonia , o qual se tem applicado com o maior disvelo pelo bem da humanidade , depois de mui repetidas experiencias achou um novo remedio contra a *Epilepsia* , ou *mal caduco*. Mas como descobrimentos taes (ao mesmo tempo que merecem maior louvor , que as imaginações dos nossos Filosophos modernos) requerem provas , que os confirmem , na Gazeta de Colonia se publicáraõ as curas de varias pessoas , que fazem evidente a efficacia do dito remedio , sendo em grande numero os exemplos , que a atestaõ. Cor-
vem

vem reparar que o Barão de *Hupfah* não he Medico , mas he um Naturalista , que sem querer meter-se a Medico se applica , para bem da humanidade , a indagar alguns remedios contra as molestias de rebelde cura ; quaes são o *mal caduco* , a *hidropesia* &c. tendo sido alentado pelas mais celebres Academias a ir proseguindo nas suas indagações. Este mesmo amor da humanidade tem feito com que o Barão d'*Hupfah* leve a bem , que qualquer estrangeiro se comunique com ele , e lhe escreva , franqueando-lhe as suas cartas até *Colonia*.

HA pouco tempo que M. *Collin* famoso Medico de Vienna d'Austria , fêz conhecidas as admiraveis virtudes da planta *Arnica* , especie de *Doronicum* do *Turnefort*. Já nas efemerides d'Alemanha dos anos de 1678 , e 1679 vemos inculcada esta planta , como um remedio especifico em muitos cazos d'asma , puntadas &c. em que foi eficaz a virtude dioretica do seu cosimento.

Ago-

Agora anuncia M. *Collin* fer a sua raís um remedio poderoso nas disenterias , e as flores um especifico infalivel nas febres intermitentes: como porém já alguns Medicos tem contraditado a pertendida efficacia deste novo remedio , rezervamos o dar dele mais exacta noticia , para quando a experiencia tiver mostrado nos outros paizes as virtudes , que lhe attribuem na Alemanha.

Carta ao Editor do Jornal Encyclopedico.

T Odo aquele omem , que não sufoca em si os naturaes affectos de humanidade , se alegra entranhavelmente quando vê promover alguma coiza , de que o Publico pode tirar proveito ; por esta razão não ouve bom patriota , a quem não alvoroçasse a noticia de que V. pertendia publicar um Jornal , convidando a todos os sujeitos que quizessem trabalhar pelo bem publico , com hum aberto caminho para sem despesa poderem ser uteis á Patria. Ora assentando eu que nenhuma coiza pode ómbrear com a utilidade ;
que

que tem por fim a conservação da saúde , e dilatar a vida do Cidadão , julguei que cumpria dar ao publico noticias , que sirvaõ de lhe alentar o animo , que esmorecido em muitas molestias , talvês apressẽm a morte , com as imaginações de incuraveis. Entre estas tem lugar a Idropezia , contada quando chega a um certo grão , no numero das mortaes pelos mesmos que se encarregão da sua cura. A operaçãõ da paracentesis he muitas vezes inculcada como remedio sobre violento pouco util , e que raras vezes salva o doente do corte mortal : com isto succede , que desalentados os doentes , ou rejeitaõ sujeitar-se a ele , ou o fazem taõ cercados de sus-tos , que he prodigio naõ acabarem na mesma operaçãõ. Saibaõ porẽm os afflictos doentes que esta operaçãõ se pode muitas vezes repetir com proveito , e que quasi aos nossos olhos temos a prova na Cidade do Porto.

Adoeceo de Idropezia no Convento de Santa Clara daquela Cidade uma Religioza por nome D. Maria Eugenia : discordaraõ os Medicos quando se tratou de lhe caracterizar a molestia : chegou a cazo entaõ

ao Porto o Doutor D. Francisco Pujol , que não sómente a caracterizou de Idropezia , mas lhe applicou o remedio da operaçãõ : o effeito deste remedio pode V. ver pela carta , que lhe remeto incluza , escrita pela propria doente a 27 de Março deste ano , quando já se lhe tinha feito a operaçãõ 91 vezes , com o effeito que ella relata na mesma carta : e como até ao prezente (fins de Junho) não temos noticia de que seja fallecida , temos bons fundamentos para crer que tem continuado com este remedio.

A que solidas reflexoões não dá lugar este Fenomeno tão raro na Medicina ! quanto não deve encher de esperanças os desconsolados doentes , que são acometidos desta molestia ! Eu nem sou Medico , nem quero campar por entendido em Medicina , por isso contente de prender o publico com a alegre noticia de que a idropezia tem um remedio , que pode alongar a vida ao doente , trabalharei por lhe comunicar todas as mais noticias , de que prezuma se pode seguir utilidade publica &c.

A Carta, a que se refere a sobredita, e cujo original temos em nosso poder he a seguinte:

SENHOR DOUTOR D. FRANCISCO POJOL.

..... Vou continuando com as o perações, e já conto 91; tirando de cada vés nove canadas, oito e meia, e os dias que vão de umas a outras, são 15, 14, 13, 12, 11, 10; de algumas vezes tenho convulsões com aquelas forças, que V. M. prezenceou da vés, em que tive a felicidade de me assistir; e esta ultima vés tive a convulsão com tanta força, que depois de estar na cama, me lancei dela fora fogindo para o dormitorio com muitos saltos, resistindo a quantos em mim pegar queriao, e depois vim a acabar em fantazias, tendo-me por Rainha, Emperatrís, dizendo coizas que provocavao a muito rizo, e neste acto estaria duas, ou tres oras; porém ao depois fiquei sem o menor sentimento do tal flato, sentindo só o que costumo sentir depois das operações, que he este ventre dorido, custando-me

me a mover : quando isto me vai passando ; sinto já o pezo de agoa : finalmente fou uma nora de pucarinhos , e vazios uns encho outros. Daquelle sangue , que a V. M. mandei dizer por não tornei a ter por aquella via , mas pela outra o tive agora com toda a regularidade , como que se eu estivesse nos meus 24 , tanto em quantidade , como em qualidade de cor , e livre de toda a corrupção em cheiro : veremos se para o outro mês continúa. Os Doutores se alegraõ de que a natureza seja provida , mas eu que não experimento alivio no criar da agoa , não me alegro com taes funcões. Não tenho mais nada inchado , pulsos bons , e respiração muito livre , ainda estando cheia : fastio muitas vezes o tenho , porém he á carne , e galinha ; que se me derem peixe , he mantimento , de que gosto : o que sinto do corpo he apetecer meter-me em um tanque de agoa , e se possivel fosse de neve , e bebelá : tudo que he verdura , e fruta , que tenha suco , apetece o meu interior. Ontem dia depois da operação , que foi na Quinta feira , tive tanta sede , que pedi licença ao

Dou-

Doutor para tomar chá com leite: ele me disse que não lhe botasse chá, que tomasse só o leite; assim o fiz, bebi seria um quartilho, e passado que foi 3 oras, entrei a obrar, como se tomasse remedio de botica, (que muitas vezes com este não obro nada) e já em outra occasião senti este mesmo effeito: ás vezes me dá uma dor no estomago, e apenas bebo agoa já depressa passa: em fim tenho experiencia que a agoa, e tudo fresco me he muito util, só á inchação me fás dano. O Doutor me falou em eu tomar leites neste verão, e tambem me falla em ir a ares; mas eu quero o seu conselho, e tomara me fizesse a caridade de alguma receita... Muito lhe agradeço o desejo que tinha de querer atalhar legoas para me ver; que nisso recompensa os meus desejos; que muitas vezes tenho dito, que se fuisse, e tivesse comodidade, certamente ia até essa Cidade em procura de V. M.: e se quer que lhe diga a verdade, já tive pensamentos de ir em iate; que me fica mais barato; mas o perigo do mar m'intimida, pois lhe vivo com

muito

muito apago por V.M. fer quem me tirou
la sepultura ; que sempre confello , que he....

Santa Clara do Porto.

Em 27 de Março de 1779.

De V. muito obrigada.

Maria Eugenia.

O Referido cazo nos indús a publicar ou-
tro de similhante operaçaõ , praticada no pei-
to com felís fuceffo ; naõ menos poderozo
para destruir o temor , que detem alguns
Medicos no uzo desta operaçaõ , de que mui-
tas vezes pende a vida do doente. O cazo
foi participado a um Medico perito desta
Cidade em uma carta , que ele nos comu-
nicou , e he do teôr feguinte.

..... Ha algum tempo , que fendo cha-
mado á Vila de Alhandra para affistir a al-
guns doentes , entre éles encontrei um cha-
mado Jozé Pereira , o Coimbra , com um
verdadeiro Empiema , rezulta de um Pleu-
rís.

rís. Este homem teria de idade 54 anos pouco mais ou menos, temperamento sangüíneo, e de vida laboriosa; a materia tinha feito taes estragos na cavidade tanto pela demora, como pela demasiada acrimonia, que por esta adquirio, que chegou a destruir a pleura, musculos intercostaes internos, e externos, e fazia um grande sacco, que deitado o doente desta parte, se dividia um grande tumor, o qual se desvanecia logo que se voltava do outro lado. Pela boca saiaõ continuos esputos da mesma materia, o pulso pequeno, e febril, e o aspecto cadaverico.

Á vista destes funestos accidentes, que ameaçavaõ uma morte certa, eu determinei acabar a operaçaõ, que a natureza tinha principiado; (ainda que o Medico assistente não fosse desse parecer) o sacco se achava no proprio lugar, onde se deve fazer a operaçaõ.

Eu fíz uma sufficiente incizaõ, e fazendo emborçaçaõ ao doente, lhe tirei a quantidade de quatro libras de pus muito purulento: extraida toda a materia eu inge-

tei

tei a cavidade com um remedio proprio, com a cautela, que a Arte manda, e limpa que foi, lhe introduzi uma tira de panno envolvida em um mundificativo bastantemente balsamico, e espirituozo, e por fim uma cataplasma prezervativa. No segundo dia eu encontrei o doente livre de tosse, e cessaraõ os esputos, e o pulso menos febril, e repetindo a emborcação tiraria lib. $\frac{1}{2}$ de pus: no terceiro tiraria meia libra de pus, e os sintomas gradualmente desapareciaõ: no quarto tiraria pouco mais de duas onças: finalmente no sexto, e setimo não sahia nada: a natureza fêz taes progressos na consolidação das partes tanto internas, como externas, que quando chegou o duodecimo dia, não achei que curar: e dentro de um mês se pôs em estado de continuar no seu exercicio. Este he o cazo mais notavel, que tenho encontrado, que foi admiração, a todos os que viraõ o doente: tudo o mais que ouver de notavel participarei a V. m, e desejarei em tudo mostrar que sou &c.

Vila Franca 18 de Junho de 1779.

Francisco José da Silva

e

Car-

*Carta escrita ao Editor do Jornal
Enciclopédico.*

E Stimarei que se julgue digno d'aparecer no Jornal o facto seguinte, que acabo de ler em um papel Inglês.

Ha pouco tempo que grassou com excesso por *Ware* Vila d'Inglaterra na Provincia de *Hertfort* a molestia de bexigas, de que morrerão em poucos dias 80 pessoas. Propos-se aos seus abitantes o expediente de inocularem todas aquellas pessoas, que ainda se achavaõ livres, aceito por elles, e posta em execuçaõ uma geral inoculaçaõ cessou immediatamente o contagio, e naõ morreu mais uma só pessoa de bexigas. Este successo pôde dar materia a varias reflexões: até prova que he praticavel extirpar totalmente este mal, que destroe grande porçaõ do genero humano; mas eu me contento com noticiar este successo aos meus compatriotas, a fim de os resolver a pôrem em pratica uma operaçaõ, que pode aumentar em Portugal muitos milhares de almas. He de

He crer que em Portugal se faça maior uzo
 da inoculação, como se pratica nos outros
 paizes, se todos estiverem capacitados de
 que éla he um meio facil, e seguro de pre-
 zervar as pessoas, que ainda não tiverão be-
 xigas, do grande risco que lhes ameaça a
 vida. Não he necessario provar com argu-
 mentos a utilidade desta operação; os factos
 nos convencem bem déla, e basta ter noti-
 cia deles para assentar que a inoculação foi
 o descobrimento mais util á humanidade que
 os omens tem feito, e que não deve duvi-
 dar de o pôr em pratica todo aquele que
 preza a sua vida, ou a da quas pessoas,
 que lhe são sujeitas. Nos paizes estrangeiros
 já ninguem entra em duvida da grande uti-
 lidade desta operação; a ela se tem já su-
 jeitado as vidas mais preziosas: o Empera-
 dor d'Alemanha, a Emperatris da Russia,
 os Reis de França, Suecia, e Inglaterra,
 e muitos outros Princepes, os quaes se tem
 mandado inocular a si, e a seus filhos &c.
 E não tem bastante força estes exemplos pa-
 ra nos obrigarem a imita-los? Que meio
 pode aver melhor para fazer conhecido este

expediente que o falar dele no Jornal Enciclopedico ? Quando da publicação desta obra não tire V... maior utilidade do que a de introduzir-se em Portugal a pratica da Inoculação , deve julgar bem premeado o zelo da utilidade publica , de que V... se mostra tão abalado ; e eu me congratularei de ter dado occasião a se repetirem observações nesta materia , e de ver por fim adoptado na minha Patria este metodo de perzervar inumeraveis vidas dos estragos , que por élas fazem as bexigas &c.

E Screvem de *Bois le Roi* perto d'*Anet* em França que tendo os moradores desta Parroquia sido acometidos d'uma epidemia , que lavrava com estragos iguaes aos da peste , Mr. *Galeron* Medico de *Jares* com o parecer dos officiaes d'agoas , e florestas tentou no fim do ultimo mez a experiencia , com que o celebre *Iprocrates* salvou a *Grecia* da peste ha agora dois mil anos. Repartiraõ-se muitos feixes de lenha , e se lhes lançou por cima 8 carradas de zimbro. Posse-

se-lhes o fogo no mesmo instante ; em que o Sol se sumio de todo no Orizonte , e quando principiando a subir os vapores , e condensando aquella porção de ar que circunda mais vizinho á terra , fazendo-a menos penetravel . á chama , e fumo : immediatamente se vio todo o lugar abafado com uma fumaça mais grossa do que o nevoeiro , e este fumo lançava um forte cheiro de violetas tão balsamico , que grande parte dos doentes se acharão brevemente aliviados. Depois desta felís experiencia não morreo mais morador algum ; e o corpo da Cidade que no dia antes tinha assentado desamparar as cazas , deixando uma mortalha pendurada na torre da Igreja , rende oje graças ao Ceo pela sua conservação.

Remedio contra o escorbuto dos mareantes.

MOdernamente se apresentou á sociedade Real de Londres um remedio muito facil , e de pouca despesa para salvar os maritimos do ataque de escorbuto. Consiste ele em comer batatas cruas ; sendo bastante

tante uma , ou duas , cada dia , se não forem muito pequenas. Dizem que este remedio he muito sabido dos marinheiros Americanos , que vão á pesca das balcas para o Sul ; e acrescentaõ que tem sido experimentado com o melhor successo em um , ou dois Navios Inglezes.

Mas o metodo de preservar os marinheiros das queixas que costumãõ acometellos embarcados , já comprovado por uma constante experiencia , he o de que se servio o Capitaõ Cuk , por meio do qual voltou a Inglaterra , depois d'uma viagem de mais de 3 anos a todos os climas do mundo , sem perder por molestia de mar um só homem de 118 de que se compunha a sua equipagem. Nós temos uma individual noticia dos meios , com que este celebre descobridor conseguiu taõ felís successo , que communicaremos ao publico no seguinte caderno.

ARTIGO III.

ISTORIA NATURAL.

NINGUEM deve esperar que o nosso Jornal trate sistematicamente de alguma sciencia, ou Arte. O objecto deste, tanto na Istoria natural, como em todas as mais partes do nosso trabalho he unicamente dar ao Publico noticia dos novos descobrimentos, e observações, que occasionalmente se apresentarem: e ainda que entre ellas averão algumas, que provem as vantagens d'um sistema sobre os outros, não nos propomos adoptar theoricamente algum deles em particular. Comecaremos agora publicando um descobrimento, que dá occasião a importantes observações, e que acabou de pôr termo a uma contestação industrioza-mente fascitada por alguns incredulos.

Defeza da Cronologia da Escritura.

FAlando Mr. *Gibon* na sua Istoria da Creação do mundo, reforçou hum argumento tirado da Relação da viagem de *Bridonic*

doino a Sicilia, e Malta, para com elle provar que o mundo tem muitos mais anos, do que comumente lhe contaõ pela Cronologia de Moizes. O Doutor *Watson* respondeo a Mr. *Gibon* em uma Apologia, que fêz a favor do Cristianismo. A maior parte das objecções contra a Revelação, e Divindade dos livros Santos sómente tem valor por quanto omens de nome tomaraõ o trabalho de lhes quererem dar resposta sezudamente. A prezente objecção he tal que a ninguém deve fazer pezo; com tudo não he fastidioso lê-la, como tambem a resposta do Doutor *Watson*; porque n'uma, e outra se encerra um lance muito importante d'Istoria natural: poremos as palavras do Doutor *Watson*. « Antes de rematar esta Apologia, não posso deixar de relatar, e refutar um argumento de que alguns Filozofos destes nossos tempos tem lançado mão, forcejando por desfazer com elle todo o sistema da Revelação. Fás-se tanto mais necessario responder-lhes, porque cada dia nos atroaõ com elle, principalmente os que tem viajado pelo continente. Encaminha-se esta objecção, segun-

segundo o que déla podemos supor, a enervar a autoridade de Moizes, mostrando que o mundo he muito mais antigo do que se pode provar pela Istoria da Creação, e Chronologia dos livros Sagrados. A nossa opiniaõ conta sómente 6000 anos, ou quazi 6000 depois da creação do mundo, e certificaõ estes Filósofos que ha provas incontestaveis de que a terra deve ter pelo menos a ancianidade de 14000 anos. Formaõ queixas contra Moizes, criminaõ-no de ter occultado a idade do mundo, e exercitaõ todo o seu zelo, hem que baldadamente, em indagações capazes de dar abonos ao seu sistema, e destruir o de Moizes: (eis-aqui o que s'encontra na viagem de Bridonio.)

« O Conego *Recuperus*, que parece tomou a seu cargo escrever a Istoria do Monte Etna, achou uma camada de lava, que ao seu ajuizar se devia espalhar pela erupção do Volcão deste monte, succedida no tempo da segunda guerra Punica; ao menos ha já 2000 anos. Esta camada ainda não está suficientemente coberta de terra, nem dá fundo bastante para se poder semear, ou plan-
tar

tar uma vinha ; pelo que para converter um terreno alagado com uma camada de lava em um campo fertil , devem decorrer ao menos 200 anos. Cavando pois um poço profundo junto a *Jaci* nas vizinhanças do Monte Etna , se deo com um sitio , onde facilmente se percebem sete camadas de lava , uma sobre outra , que tem paralelas as superficies ; e a maior parte destas lavas tem já uma fiada assás grossa de excelente terra. Logo a primeira erupção , que vomitou a lava inferior , succedeo ha já ao menos 1400 anos. Se he , continúa o dito Conego , que os argumentos , que se tiraõ da Analogia , tem algum pezo. Mas podemos demonstrar a pouca força do argumento do Conego.

I. Este Istoriador naturalista não prova convincentemente que esta lava , de que fala , seja indefectivamente a mesma , de que fás menção , *Diodoro de Sicilia* , e que dís provir de uma erupção que succedeo no tempo da segunda guerra Punica.

II. Convém reparar que sendo as lavas mais , ou menos esbessas : que ficando com situações diferentes mais , ou menos aptas ,
aten-

atendendo á elevação, ou profundidade do terreno, sobre que cahio a erupção; que sendo tambem mais, ou menos favoravel a exposição em que fica aos ventos, chuvas, e outros accidentes, necessitam de mais, ou menos tempo para se converterem em campos fecundos. O mesmo succede com os montes de cascalho tirados das Minas de ferro, que se assemelham muito á lava: gastam mais, ou menos tempo para se vestirem de relva, conforme a natureza desta escorea do ferro, e conforme a situação da mina, que se cava. Da mesma confissão do Conego podemos provar contra elle quanto he justa a nossa observação; pois que as rachas desta camada de lava estão trespassadas de terra excellente, onde se criam formozas arvores frutiferas.

Mas se tudo isto não parece sufficiente para responder victoriosamente á objecção tirada da relação do Conego, poderei por-lhe um argumento d'analogia, estribado em factos muito mais certos do que os são os que o Conego oferece. O Etna, e o Vesuvio se assemelham um ao outro, tanto nas causas que produzem as suas erupções,

coës , como na natureza das suas lavas , e tam-
 bem no tempo necessario para cobrir esta la-
 va de boa terra ; e se ha nisto alguma dife-
 rença não pode ser maior do que se vê nas
 diferentes lavas de qualquer destes Volcaens.
 Assentado este principio , quem me negará
 que a analogia do Conego nada prova , se
 poder-mos apontar um exemplo de sete ca-
 madas diferentes de lavas , entrefachadas de
 muitas camadas de terra boa , sendo estas la-
 vas produzidas pela erupção do Vesuvio ,
 succedida não ha 1400 anos , mas ha menos
 de 1700 ? Então pela nossa analogia em-
 vés de 2000 anos , que gastaria uma lava em
 cobrir-se de terra fertil , e capás de criar
 trigo , e vinho , bastariaõ 250 anos.

A erupção do Vesuvio , que abafou
 a Cidade d'Erculanum , he memoravel pela
 morte de Plinio , da qual o sobrinho fás
 menção em uma carta que escreve a Taci-
 to ; logo ainda não ha 1700 annos , que
 Erculanum foi sobmergida. Fundados em au-
 toridade irrefragavel , sabemos , que as rui-
 nas que hoje enterraõ a antiga Cidade d'Er-
 culanum , não são procedidas d'uma só e-
 rupção.

erupção do Monte Vesúvio ; temos certos
 sinais, e evidentes que mostraõ seis diversas
 erupções , que rebentaraõ para a mesma
 parte , e que ficaraõ exactamente sobre a
 que arruinou a Cidade. Estas camadas de
 lava , ou de materia queimada tem veias de
 terra excellente , capás de criar trigo &c. (*)
 Não direi mais neste ponto , sómente acresc-
 centarei que o Bispo Diocesano tinha bons
 fundamentos para admoestar ao Conego , que
 se acautelasse em não fazer o Monte Etna
 mais velho do que Moizés o tinha feito.

Pelo que se vê que com um pouco de
 reparo se dissolve facilmente a grande obje-
 ção , a que se dá tanto pezo , contra a Crono-
 logia de Moizes ; e quaõ facil he rechaçar um
 Filozofa , que nos quer tirar a nossa Religião.

Contentando-nos por ora com as pre-
 cedentes observações , pelo que respeita ao
 reino mineral daremos noticia de algumas
 fei-

(*) *Vejão-se as notas de Sire W. Hamilton sobre a
 qualidade do terreno de Napoles , e suas vizinhanças nas
 Transações Filozoficas vol. xi. p. 7.*

feitas modernamente nos outros dois reinos da natureza. Ha alguns anos que os Fyzicos-Botânicos trabalhaõ em adiantar os conhecimentos sobre a analogia entre as plantas, e os animaes. (*) Pela disseção, e anatomia das plantas se tem descoberto, que ellas se compõe de epiderme, cutis, vasos diferentes, que se podem chamar arterias, veias, e traqueas, ou orgãos da respiraçaõ: que tem partes genitæes, e que estas se distinguem em dois sexos: que vivem, e se nutrem convertendo pela circulaçaõ em succo nutricao o umor, que recebem: que velaõ, e dormem, contribuindo as trevas para se adormecerem, e servindo a lús para as despertar. (**) A sensitiva, que se tem feito

taõ

(*) Entre os autores, que tratarãõ esta materia se distinguio Mr. Lineo na sua *Filozofia Botanica*. Ha pouco tempo publicou sobre o mesmo assunto excellentes observaçoẽs M. Ernest Platner Medico de Lipsig em um *Tratado* a que deo por titulo *Antropologia* para os Medicos, e Filozofos.

(**) Mr. Hill publicou em Inglês um *Tratado*, a que deo por titulo: *O sono das plantas &c.*, e o dirigio em fórma de carta a Mr. Lineo. Este A. prezume conhecer a cauza da diferente posizaõ, que tomaõ de noite as folhas das plantas, e achou meio de lha fazer temer á sua vontade, em qual-

ão famosa , até prova que ha nas plantas
 uma especie de sensaçãõ , pois que as suas fo-
 lhas se encolhem quando são tocadas. (*)
 Este movimento dependente da proximida-
 de d'outro corpo nas folhas da planta sen-
 sitiva , parecia o argumento mais forte de
 haver no reino vegetal uma forte de ani-
 maçãõ ; mas ha 3 , ou 4 anos , que os In-
 glezes trouxeraõ d'America uma planta , es-
 pecie de *Idisaro* , na qual se observa em
 certos intervalos um movimento regular das
 suas folhas , sem aproximaçãõ de algum ou-
 tro corpo. No Real Jardim Botanico de Be-
 lém vegeta esta admiravel planta , que pelo
 cuidado do douto Professor Vandeli chegou
 a dar semente o ano passado , de que se re-
 produzio este ano , e se acha atualmente no
 seu vigor. Nêla se observa um movimento pe-
 riodico em cada quatro minutos ; os Ingleses
 porém

qualquer ora do dia , e tornar igualmente a restituir-lhes o
 estado de vegetaçãõ. Este curiozo Tratado se traduzio em
 Frances , e se vende em Paris em casa de Coard li-
 vreiro.

(*) Mr. Hill no mencionado Tratado mostra ter achado
 o modo de fazer contrair as folhas da sensitiva sem lhes tocar,

porém pertendem que as folhas desta planta se movem todos os minutos.

Ha já muito tempo que os Botânicos estão persuadidos , que a propagação das plantas depende da contribuição dos dois sexos: que para aver frutificaç ão he necessario que o pó subtil , a que chamaõ *polen* , produzido pelas *estaminas* se introduza no *pestilo* , e sirva nas plantas como o *esperm* nos animaes. A idéa desta analogia se tem adiantado ao maior grão de evidencia , desde que a Faculdade de Medicina de París publicou as observaçoẽs de Mr. Descemet indagador exacto , que além de grandes conhecimentos Botânicos , tem notavel averiaõ a tudo quanto he charlatenismo.. A Faculdade publicou os descobrimentos deste observador pelo modo seguinte.

M. Descemet Doutor Regente da Faculdade de Medicina de París , e Censor Regio , mostrou á Faculdade o desenho de uma obra , que ele compôs sobre a anatomia das flores de diferentes especies , d'*Apoeiar* , d'*Asclepiar* , e de *Periploca* , que tem orgãos da geraçãõ analogos aos dos quadrupedes.

Com-

Compõe-se estes orgãos de uma *glans*; dois cordões de vasos *espermaticos*, e dois testiculos. Cada uma das flores tem cinco sobre um *stigma*, que tem tantas *vulvas*, como *glans*.

Prova com este descobrimento a analogia entre os animaes, e os vegetaes, e que o acto da geraçãõ se fás nestas plantas por um modo inteiramente diferente do que antes era conhecido pelos botanicos, e quasi semelhante ao dos quadrupedes. = Affinado = Dessard Deaõ = Extrato dos Registos da Faculdade de Medicina de París de 14 d'Agosto 1778.

UM descobrimento botanico de que pode aproveitar-se com muita utilidade a nossa Nação, he o que se tem feito no Rio de Janeiro da planta, que produz a côchenilha. O exame desta precioza produçãõ foi objeto d'uma sociedade Literaria, ou Academia estabelecida ha alguns anos na quella Cidade por um numero de pessoas instruidas,

das , e curiozas , debaixo da protecção do Vice-Rei o Marquês de Lavradio. A diligencias do Doutor Jozé Enriques Ferreira , Membro , e Prezidente da dita sociedade se conseguiu , que os insectos , que dão a materia a esta tinta , e que na Ilha de Santa Catharina se nutrem na planta , a que Lineo chama *Cactus Tuna* , passassem no Rio de Janeiro para outra especie da mesma planta , que ali cresce em abundancia , e a que Lineo dá o nome de *Cactus Opuntia*: ambas estas plantas que diferem do *Cactus Cocciferus* de Lineo , se conhecem no Brazil pelos nomes de *Gerumbela* , e *Orumbela* , e em Portugal pelo da *Figueira da India*. A especie do Rio de Janeiro se acha ser mais do gosto dos insectos , os quaes multiplicação nela em tanta quantidade , que em breve tempo a destruiriaõ toda , por ser aliàs mais tenue , que a de Santa Catharina , se se não acertasse com o proprio tempo de fazer a colheita da tinta já perfeita , ficando ainda a planta viçosa. O bom successo desta operação se deve ao cuidado , e trabalho d'Antonio Jozé Castrioto , outro Mem-

bro

bro da dita Academia, encarregado da direcção do Orto botanico, o qual tem-já mandado aqui notaveis porções de cochenilha, fruto da sua cultura; que tem provado ser da mais perfeita pelos exames, que déla mandou fazer um dos nossos Ministros d'Estado, a quem um nobre zelo patriotico excita a promover a industria, e produções uteis. Esta o he indubitavelmente; e o dito Castrioto, sendo o primeiro Português, que reduzio a perfeição o metodo de tratar aquella planta, e insecto, a que ella serve d'alimento, oferece aos seus nacionaes a oportunidade de se proverem no país proprio deste genero necessario para as manufacturas, e ainda o estabelecer um novo ramo de commercio, de cuja importancia trataremos no Artigo da Economia.

Naõ descrevemos as mencionadas especies daquela planta, porque esperamos que os proprios descobridores dem individual instrução desta materia ao Publico: sómente diremos aqui alguma coiza da natureza dos insectos, passando assim a tratar do Reino animal.

Ainda não ha muito tempo que se duvidava na Europa se a cochenilha era a baga, ou semente de uma planta, ou se era um insecto: nem toda a perspicacia de Leuvenuc nas suas observações microscopicas o eximio de julgar, que esta tinta era formada pelas bagas de uma planta. E posto que já em 1590 o P. Jozé de Acosta Espanhol, na sua I storia das Indias; Antonio Ferreira em outra I storia das Indias impressa em 1601; Francisco Fernandes Fizico Mór do Mexico, na sua I storia mandada imprimir por Filipe IV. em 1648, e 51; o P. Plusnier em 1692, Mrs. Arfuker em 1694; De la Ire em 1704. Geofroa em 1714 asseveraõ ser a cochenilha um insecto: ainda em 1728 foi este ponto taõ controverso, que em França se fêz uma consideravel aposta, que foi decidida juridicamente, depois de varias averiguações, que se mandaraõ fazer ao Mexico, d'onde vieraõ provas autenticas, sobre as quaes se pronunciou a sentença.

Desde aquelle tempo ficou incontestavel ser parte do corpo d'um animal a tinta,

ta , que chamaõ cochenilha; porém ficou ainda duvidosa a natureza , ou genero do animal; uns supuzeraõ que era uma especie de escaravelho , outros uma aranha , outros em fim uma lagarta (eruca) que se transformava em mosca; e só ás observações cuidadosamente feitas no Rio de Janeiro he que os Naturalistas podem dever o exacto conhecimento deste animal.

Das ditas observações rezulta em substancia , que a cochenilha he um insecto pequeno não chato , como dís Lineo , mas convexo pelas costas , e *elato* por baixo : que tem duas barbas , ou *antenas* , e seis pernas vermelhas , e não pretas , como disse aquele Autor ; que se cobre de um pelo , ou algodaõ finissimo ; que não he ovipero , como muitos imagináraõ , mas sim viviparo : que as femeas são fecundadas vinte dias depois de nascerem , e parindo inumeraveis filhos vivos , morrem deixando os seus cadaveres para servirem de tinta. Que a este tempo os machos se transformaõ em pequenas moscas , em cuja figura vivem tres , ou quatro dias. Que sem razãõ coloca Mr. Li-

neo

neo os machos na ordem *Hemiptera*, pois não lhes nascendo na metamorfoze mais que duas azas, devem pertencer á ordem *Diptera*; ainda que seria mais natural fórmarmos uma ordem separada dos insectos, dos quaes só um dos sexos se transforma: o que succede em diferentes generos.

Deixamõs aos primeiros observadores a satisfação de contentar os curiosos com uma Istoria mais circumstanciada da economia deste animal, que temos o gosto de possuir vivo na planta de Santa Catharina, que nos foi mandada do Rio de Janeiro.

Muitos Fyzicos, e Naturalistas tem suspeitado, que o phenomeno da vegetação das plantas, e o da multiplicação dos animaes tem iguaes principios: que o calor vivificante do Sol influencia igualmente nos dois reinos da natureza os mais interessantes.

Repetidas experiencias tem mostrado, que o calor artificial pode suprir o do Sol para fazer vegetar nos climas mais frios
do

do globo plantas , que parecem destinadas pela natureza unicamente para se conservarem nas zonas ardentes do meio dia. (*)

A arvore do café , os tamarinos , o pupaier , o ananás , o bambú , o monbain &c. se achão nas nossas estufas. Mas ainda se não tinha uzado do calor artificial para que produzissem nos nossos climas animaes , que vivem debaixo da linha : ninguem se tinha até agora lembrado de ter uma estufa para os animaes estranhos , como tem para estas plantas exóticas.

O Marquês de Niele foi o primeiro de quem temos noticia , que intentasse directamente isto , e foi tambem succedida a sua primeira tentativa de que vamos dar noticia , que ele tenciona repeti-la mais em grande , em varias especies de animaes estrangeiros , n'uma especie de curral , que fêz expressamente para isso.

Por

(*) Ha pouco tempo que se tem feito muito famoso em Paris um novo metodo de preservar as plantas proprias dos paizes quentes , e de acelerar a vegetação , e fructificação das indigenas : em outro caderno trataremos desta invenção , que se deve á astucia de Mr. Malet,

Por este modo mostra um novo caminho, que não pode deixar de enriquecer a Istoria natural, e a Fizica de muitos factos novos. Quantos omens lidaõ pelo bem das sciencias, e das artes, e todos os que as cultivaõ, veraõ sem duvida com satisfacção, que oje um grande se diverte com coizas uteis.

O Marqués de Nielle depois de ter buscado com grande custo um casal de animalinhos do Brazil da especie, a que M. Bufon chamou *Oustiti*, Eduard *Caqui minor*, e que Ludulfo designa com o nome de *Fouker guereza*; os meteo no mês de Fevereiro de 1778 em um gabinete voltado para o meio dia, e aquecido com um escalador, cujo calor imitava o do país natal dos animaes, o qual indicavaõ varios termometros postos em varios lados do gabinete.

Este calor se conservou constantemente de 30 até 35 grãos no termometro de *Reaumur*, isto he, imitando a natureza quanto era possivel á arte, se conservava o calor de 30 grãos da noite, e 35 de dia. Es-

tes animalejos tinhaõ além disso para se recolherem no gabinete um cesto de junco forrado de peles de carneiro. O calor não tardou muito tempo em influir nestes animaes, e não obstante o frio de estação se conheceo que andavaõ com cio, e que davaõ mostras disso: colheraõ-nos assim, sem que os olhos dos espectadores os inquietassem, nem perturbassem.

Ficaraõ no gabinete com este calor até ao mês de Junho, em que o Marquês foi obrigado a partir para Ruaõ para se incorporar com o Regimento que ali manda; mas não querendo confiar a outras pessoas a experiencia, de que ele tinha concebido boas esperanças, sendo aliás muito favoravel o calor do estio, se resolveo a levar comsigo o pequeno casal, de que era diretor.

Meteu-o em uma gaiola de papagaio; e como o tempo era muito quente não padeceraõ na jornada.

O seu sustento ordinario desde que estiveraõ no gabinete, como tambem na jornada, sempre foi fruta, biscoito seco, ou molhado n'agoa, ás vezes um ovo duro, e
outras

butras um ovo desfeito em água, ou em leite.

Ultimamente em 15 de Julho voltaraõ a París com o Marqués, que os pôs em um gabinete de vidraças, que fica para o Norte, no qual ha *cegas*, que daõ mais, ou menos lús, conforme se deseja. Estes animaes trepavaõ pelas cortinas, e quazi sempre estavaõ sobre as *cegas*, d'onde naõ desciaõ se naõ para comer, ou passarem de tempos a tempos.

Aos 20 d'Agosto se divizou nas costas dos dois animalejos um ente vivo muito mais pequeno, que se parecia alguma coiza com um lagarto.

Este foi o primeiro final da fecundidade destes animaes.

Notou-se que o pai, e a mãe buscavaõ o calor do Sol, para exporem a ele os novos filhos, e para este fim se penduravaõ pelos pés nos caixilhos das vidraças, e voltavaõ para os raios do Sol as costas onde estavaõ pegados os filhos: *Em outro caderno continuaremos a relação da vida destes animaes, mais admiravel em Paris, do que seria em Lisboa.*

Em

EM Irlanda aportou um *Orang-utan* a bordo de um navio Frances , vindo da India , e aprezado pelos Inglezes. O que se refere deste animal , que vinha destinado para Mr. de Bufon verifica as relações , que se tem publicado dos omens salvaticos , que muitos naturalistas tem por fabulozas ; pois se dís que tem 7 pés de alto , e quazi figura umana : que se senta á meza , come , bebe , e fás outras funçoës , como qualquer omem. Esperamos d'Inglaterra uma noticia exacta , que nos autorize para informarmos os nossos leitores da natureza deste animal , até agora pouco conhecido na Europa , bem que á cerca dele se tenha falado , e escrito muito.

OS phenomenos extraordinarios , que acontecem na especie umana devem ser assunto da Istoria natural , quando se não oferecem como molestias , que a Medicina aja de curar , ou prevenir : taes nos parecem as observações seguintes. O Abade Rozier no seu interessante , e util Jornal de Fizica ,

acabou de publicar o processo verbal autentico , e circumstanciado do forçado de Brest Andre Bazilio , que entrou aos 5 de Setembro no Ospital de Brest , onde falleceo a 10 de Outubro seguinte de idade de 38 anos. Os papéis publicos do tempo fallaraõ com muita variedade deste omem , em cujo estomago se acharaõ depois de sua morte 52 peças como pedaços d'arco de barrica de 9 polegadas de comprido , e uma de largo : uma colher de páo , uma d'estanho , e outras porçoões de colheres , de funis , de fivelas , um cachimbo , pregos , canivetes dobrados , vidros , pedaços de couro &c. todas estas materias mostravaõ estar avia muito tempo no seu corpo. Feito o exame da sua vida pelos seus camaradas , contaraõ que avia tempo que tinha enlouquecido , e que tinha fome canina. Este phenomeno extraordinario deo motivo para se contarem algumas historias semelhantes , e entre outras a de um rustico Prussiano , cujo retrato se conserva na Academia de Leide , que engolio uma faca de 14 polegadas , e que viveo ainda 8 anos depois de se lhe ter tirado do estomago este instrumento por incizaõ.

A Mulher de hum sapateiro de Auzence na Dioceze de Limoges em França pario andando , e quazi sem o sentir uma criança do tamanho de duas polegadas , bem proporcionada em todos os seus membros. A agitação dos braços , e pernas deste feto provou , no espaço de 5 quartos d'ora que ele vivia ; de cujo tempo se aproveitaraõ para lhe administrar o batismo , presentes todos os Medicos , e Cirurgioes da Cidade. Quando notaraõ que não dava mais final de movimento , o enterraraõ com solenidade.

Conta a gazeta de Madrid , que a 7 de Março passado , Getrudes Real de idade de 36 anos , mulher de Miguel Quinter marinhheiro , pario pelas tres oras da tarde , no seo tempo na Ilha de Leaõ em Esphanha uma filha com duas cabeças , e que morreo depois de batizada. Concorreo muita gente a ver este pequeno monstro : depois foi mandado para Cadis para ser examinado no Collegio da Cirurgia da Marinha.

M. Princhon Cura da Paroquia da Abadia do Lieu-Dieu , junto á Cidade d'Eu em França communicou um facto de tanta importancia , e curiozidade que merece a atençaõ dos Medicos , e Naturalistas. A mulher d'um excelente Mestre d'escola , e ainda melhor organista , que morava distante um tiro de espingarda da dita Abadia , cazada avia 5 anos appareceo pejada no primeiro ano de cazada ; não teve isto effeito , e assim se conservou (mas doente , sem forças , e sempre metida em extrema melancolia de não poder dar um muzico a seu marido , que só isto desejava) até 24 de Abril deste ano , que quazi pela meia noite pario sem dores uma cabeça informe de criança petrificada. Seu marido se achava então occupado em acodir a uma vacca , que não podia parir , ficou espantado quando a mulher lhe mostrou a cabeça , que lhe disse tinha lançado ; nem o poderia persuadir , se ele se não desenganara não vendo a ordinaria grossura da mulher. Esta lhe causou nos primeiros tempos uma especie de vergonha , o que a tinha abituado a andar

um

um pouco curvada , mas depois se começou a indireitar , e se sente com a melhor faude que he possível. O Medico , e Cirurgiaõ parteiros que chamaraõ immediatamente depois , e muitos outros , com quem tem consultado , tem estudado muito a cauza desta petrificaçaõ , e ainda não tem decidido nada neste ponto ; mas todos concordaõ depois de terem examinado muito bem a mulher , que não he esteril para o futuro. Esta novidade tem assim excitado a curiosidade dos povos vezinhos , que vem todos os dias muitos deles desengana-se com a vista da verdade deste facto singular.

UMa rapariga de Nanci em França ; de idade de 18 anos , sentio no fim de Dezembro passado um tumor indolente n'um lado do ventre : nos fins de Março seguinte se determinou fazer-lhe uma abertura , pela qual se lhe tirou uma massa de cabelos do volume d'um ovo. O Cirurgiaõ que a pensava , continuava sempre a tirar da ferida.

da alguns cabelos d'um certo tamanho , até que 19 dias passados ele percebeo dentro um corpo duro de consideravel volume , do qual fêz a extração com alguma difficuldade. No centro desta massa de fôrma irregular se achou um osso com figura de *maxilar superior* , coberto com coiro , e com cabelos : percebia-se a fôrma d'um beijo , do *palato* , e das gengivas : em fim varios dentes , seis molarares , um canino , um incisivo , e dois apenas saindo ; porém o que admirou mais foi que estes dentes parecião pertencer á segunda formação ; isto he , tinhaõ a fôrma de dentes de adulto.

Este admiravel phenomeno se acha exposto em uma Teze defendida por Mr. de la Flize , sendo Presidente Mr. Jadelot Medico do Collegio de Nanci.

ARTIGO IV.

LITERATURA.

PARA principiarmos este artigo do nosso Jornal pelos primeiros rudimentos da Literatura, devemos tratar da pronunciação, da Órtografia, e da Gramatica, para passarmos depois aos diversos generos de composição. Porém será apartar-nos do metodo geral de tratar os principios d'uma Doutrina, Arte, ou Siencia, se não principiarmos pela definição déla.

Ainda que dissemos no artigo da História natural, que o nosso Jornal não he susceptivel do metodo Dilatico: como reduzimos a Literatura aos seus rudimentos; porque ha algumas reflexões que fazer sobre eles, interessantes aos Portuguezes; principiaremos pela sua definição. Seriamos tentados a crer que o costume de entender todas as Artes, e Siencias debaixo do nome de Letras, tivera principio no que chamão o meio seculo, ou os seculos da ignorancia, em que se reputavaõ sabios todos os

que sabião ler, (*) se não achassemos nos Autores antigos Romanos, e Gregos, passagens, que provaõ, que já eles tiveraõ este costume. He natural que ele principiasse logo que se inventou a arte d'escrever, a qual nos seos principios só podia ser praticada pelos sabios. Como quer qu'isto seja, nós dizemos, que um homem s'aplica ás letras, que um Principe protege as letras &c. intendendo por esta expressaõ as artes, e sciencias. Mas ainda que a utilidade parece ter sido o objeto da invençaõ das letras, ou escriptura, o nome de Literatura s'aplicou aos estudos, que tem por objeto o gosto. Chamaõ-lhes tambem belas letras, porque os Filósofos distinguem assim entre o belo, e o bom, conformando-se á distincão que já faziaõ os antigos entre o util, e o delectavel.

Não

(*) Em Inglaterra a Lei exime os Ecclesiasticos, em alguns cazos, de pena capital; e o modo com que os réos provavaõ este privilegio, no Tribunal, em que eraõ condemnados, era pegando n'um livro, e fazendo ver que sabião ler. Ainda oje para impedir que os réos se aproveitem de tal privilegio, todas as Sentenças de morte concluem com estas palavras: Não obstante o privilegio do Clero, que valentissimo que dizer: Ain da que sabião ler,

Naõ he facil affinar a razaõ disto , por que haõ de chamar-se só as applicaões que tem por objecto o gosto , literatura ? Se naõ he que a idéa destas applicaões inclue mais necessariamente a das letras. A Gramatica , a Poesia , a Eloquencia contém as regras de combinar as letras , as sílabas , as palavras , as frases , e os periodos , tudo combinações , em que as letras são elementos ; quando aliás a Física , a Matematica , e as outras sciencias maiores , como chamaõ , podem ensinar-se , e praticar-se sem ler , nem escrever : *He logo literatura aquilo , em que he mais necessario o uso das letras.* Se isto naõ he assim , naõ sabemos como seja , e naõ temos mais que dizer sobre a definição do nome , e da coiza , no que respeita á Literatura. Digamos agora alguma coiza da Pronunciação.

Talvés a nossa lingua he a unica , em que ha muitas palavras , que uns pronunciaõ d'um modo , outros d'outro : como são Academia , epiteto , analyse &c. em que uns alongaõ , outros abreviaõ a penultima sílaba , sem que tenhamos regra , ou autoridade , que nos guie nesta materia.

Um autor moderno para mostrar a vantagem da lingua Latina sobre a Franceza , se servio da palavra *pérfidus* , que he animada e energica , comparada à *perfíde* , qu'he languida , e froxa ; mas se nisto consiste a força , e a alma da expressão , porque não pronunciaremos em Português *atrévido* em lugar d'*atrevído* ? Se a brevidade fás mais elegante a pronunciação em *Académia* , *epidémia* , porque a não fará igualmente em *enér-gia* , *em idea* &c. Quem pronuncia *épí-te-to* , *prógrama* , porque não pronuncia *próble-ma* , *dílema* ?

Parece que lá temos mais geito para abreviar umas palavras , e protrair outras : parece que soa melhor pronunciar *Anagrá-ma* , *Temistócles* , longo , e *Algebra* , *Empé-decles* , *Telémaco* breve ; mas pode ser que isto só penda do costume , em que cada um se pôs , e só feria da razão abreviar as palavras mais compridas ; esta porém não he certamente a regra , que nos guia na pronunciação , e tudo se redús a um ponto de me-ro capricho. He com tudo inconveniente para nós , e ridiculo para os estrangeiros , que
ainda

ainda entre as pessoas cultas, uns pronunciam d'um modo, outros d'outro as mesmas palavras; mas como nos ajustaremos? Esta he uma razao entre as muitas que temos para desejar o estabelecimento d'uma sociedade litteraria, que tenha autoridade de decidir nestas materias.

Tal sociedade seria igualmente necessaria para decidir a Orthografia de que devemos uzar, e evitar a variedade com que oje s'escreve. Ha alguns anos, que se introduzio entre um pequeno numero de pessoas o omitir na escriptura as letras, que nao soao na pronunciaçao. Clamaraõ outros contra esta innovaçao na Orthografia recebida: alegaraõ que ella privava as palavras dos sinaes da sua derivaçao, e que os antigos por alguma razao tinhaõ feito uzo das letras, que agora nos parecem superfluas.

Nao julgamos pórem que estes argumentos sejaõ de muito valor. Nao saõ as letras necessarias para indicar a derivaçao das palavras: que s'escreva *apetite* com um *p*, ou com dois, *omem* com *h*, ou sem elle, sempre se conhecerá que estas palavras se deri-
vaõ

vão do Latim. Com um *f*, ou dois escrita a palavra *Almoxarife*, conhecerão igualmente os eruditos que elá nos ficou dos Arabes. Todos sabem que *Filosofia*, e outras semelhantes palavras são de origem Grega, sem que para isso seja necessário escreve-las com *ph*.

A nossa lingua he pela maior parte derivada da Latina; mas se por isso devemos conservar todas as letras, de que os Latinos fazião uzo em cada palavra, porque não conservamos tambem a quantidade das sílabas? Eles dizião *áplico*, *cógito*, *émor* &c., e nos dizemos *aplico*, *cogito*, *amôr* &c., eles distinguiaõ, ao menos no metro, a quantidade de todas as sílabas, e nós não a distinguimos, se não nas ultimas, e penultimas, sendo por estas que as palavras são longas, ou breves, e chamamos agudas as em que se carrega nas ultimas. Mas ainda nas letras que alterações não temos nós feito? Os Latinos escreviaõ *liber*, *amabilis*, e todas às palavras semelhantes com *b*, e nós escrevemos *livro*, *amavel* &c. com *v*, tornando a tomar o *b* nos superlativos. Eles escreviaõ

creviaõ *acceptus* &c. com *p*, e nós pomos em seu lugar um *i* escrevendo *aceito* &c. Em todas as palavras, em que os Latinos usavaõ do *t* antes do *i* pronunciando-o como *c*, nós introduzimos o *c* evitando assim dar ao *t* duas pronúnciações, e conformando-nos mais ao som das letras; porque não tomaremos a liberdade de nos servir da mesma regra em outros cazos? Depois de tantas alterações na nossa Ortografia a respeito da dos Romanos, porque se dirá ainda que tal, ou tal palavra deve escrever-se com letras dobradas, porque se escreve assim em Latim?

He natural o julgar que todas as linguas tem passado por grandes alterações; e que antigamente soavaõ na pronúnciação muitas letras, que oje se conservaõ na escriptura, e que se não pronúnciaõ. Porque aviaõ originalmente todos os Povos do Norte servir-se de tantas consoantes, e os Francezes de tantas vogaes para compor uma sílaba, se essas letras não significassem diferentes inflexões na pronúnciação, que se tem perdido com o tempo? Mas para que haõ de

de conservar-se as letras, que já tem perdido o seu valor? Quasi por toda a parte uma reforma nesta materia tem já sido objeto da consideração, e em nenhuma lingua he ella mais facil, e menos sujeita a inconvenientes, que na nossa, que he reconhecida na Europa como a mais simples, e aquella em que as letras tem um valor mais constante: e porque a privaremos do ultimo gráo de simplicidade, de que ella he susceptivel sem inconveniente?

Para omitir na escriptura as letras, que não soão na pronunciação, basta que ellas não soem; quando aliás para as admitir he necessaria alguma razão; e qual será ella? Deveremos respeitar o costume recebido? E que lugar tem esse respeito depois das alterações feitas na escriptura, de que uzavaõ os nossos antepassados? Que comparação tem a nossa lingua, e a nossa escriptura com a de que se fazia uzo ha duzentos, ou trezentos anos? Se os que principiaraõ a inovar a Orthografia, não tiveraõ attenção com a que até entaõ se praticava; porque atenderemos nós a um costume sem funda-

fundamento , que ainda retiverão os innovadores ? Tinhaõ e'les direito de exigir de nós um respeito , que não quizerão ter aos que os precederaõ ?

Estas reflexoẽs nos induziraõ a adoptar a Orthografia , de que já fizemos uzo no Prospecto do Jornal. Pareceo-nos conveniente evitar letras dobradas sempre que uma só fás o mesmo effeito. Uzamos de *ff* , de *rr* , nas palavras , em que a pronunciaçaõ destas letras dobradas he diversa da de uma só. Assim mesmo nos servimos de *cc* em todas as palavras , em que ambas soaõ , como em *acçaõ* , *successo* , *ficçaõ* &c. mas contentamo-nos com um *c* todas as vezes que um só se pronuncia , como em *acuzar* , *aceitar* , *suco* &c. *ll* , *nn* , *nn* , *pp* , *tt* nos parecem sempre desnecessarios

A pronunciaçaõ nos serve igualmente de regra para o uzo do *c* , e do *p* antes do *t* ; do *p* antes do *c* (*) ; e do *g* , e *m* antes do *n*. Julgamos , que se deve escrever

prof-

(*) A palavra *Anecdota* , que tomamos do Francês , se deve escrever como se pronuncia. O mesmo diremos da *Enigmatica* palavra Grega.

prospecção, apto, adopção, magnanimo, indemnidade &c. porque as pessoas, que falam bem, pronunciam nestas palavras todas as letras; mas nos parece que se não deve escrever *contracto, subscripto, subscripção, signal, condemnação*; porque atendendo ao modo com que falam, ainda as pessoas cultas, não lhes ouvimos pronunciar nestas palavras as letras em questão.

Em algumas palavras uns se servem de *c*, ou *ç*, outros de *s*, ou *ss*, v. g. *pessoa*, ou *peçoa*, *arsenal*, ou *arcenal* (*) *ciencia*, ou *sciencia*, ou em fim *sciencia*. Esta variedade se poderia evitar deixando de todo o uzo do *ç* antes de *a*, *o*, *u*, ou do *c* antes *e*, *i*, e empregando nestes cazos sempre o *s*, ou *ss*; mas como o *s* entre duas vogaes se costuma pronunciar com o *z*, e alguns pretendem dar ao *ç* uma pronunciação diferente do *s*, a mudança no uzo destas letras deveria alterar o modo de as pronunciar; e nós não pretendemos introduzir alterações na pronunciação das letras; mas fim a omis-

são

(*) Até os Francezes não convém no modo de escrever esta palavra,

saõ daquelas , que não se pronunciaõ. Assim deixando á pronunciação de cada um decidir em que cazos se deve fazer uzo do *c* , ou do *f* , assentamos pela mesma regra , que em nenhum cazo he necessario escrever *sc* no principio da palavra.

Falta-nos igualmente o fundamento para distinguir as palavras , que devem escrever-se com *ch* , ou com *x* , dando-lhe um som semelhante. Porque se ha de escrever *fecho* , e *freixo* : *cacho* , e *caxa* , ou *caixa* por tão diferente modo ? Se nos servissemos sempre de *ch* em semelhantes palavras , ficaria o *x* com pronunciação constante , e evitaríamos o dar-lhe uma , que ele não tem em nenhuma outra lingua. Quanto não devem notar os Estrangeiros o diferente som , que nós damos ao *x* em *exame* , e *exame* , em *anexo* , e *conexo* &c. Sabemos que se pretende que *ch* não pode suprir o *x* , porque tem differença na pronunciação , ainda quando sôa semelhantemente , não obstante uns escrevem *Chelas* , outros *Xelas* , *Chabregas* , e *Xabregas*.

O uzo do *b* nos parece superfluo em

todas as palavras de mais de uma sílaba, porque em nenhuma d'ellas se percebe a menor differença, por serem escritas com esta letra, ou sem ella. Nos monossílabos porém, que não acabão em consoante, julgamos ser conveniente conservar o *b*; porque aliás *ba*, *be* &c. se equivocaria com as particulas *a*, *e*; inconveniente, que se não pode evitar com o uzo dos acentos; pois que, á, pode ser igualmente verbo, e particula; além de que he mais facil aver descuido no uzo do acento, que no do *b*, o que não pode deixar de causar confusão na leitura. Não vemos porque se deva escrever *hum*, mas sim *has*, quando he verbo, para o distinguir de *as* particula.

Não achamos alguma razão para que o *y* se conserve, pois que a sua pronunciaçãõ he a mesma do *i* na nossa lingua. Os Inglezes, e os Alemaes, que dão ao *y* um som diverso do do *i*, tem esse fundamento para o conservar na sua escriptura; mas não avendo este entre nós, para que ha de aumentar-se inutilmente o numero das letras? Poderá dizer-se que o *upsilon* dos Gregos se conser-

conserva para indicar que as palavras escriptas com ele são de origem Grega , depois de se ter estendido o seu uzo para muitas , que não tem tal origem , como *Rey* , *Hya-te* , e varias outras ? (*) Não mostra mais este uzo que aquella razão nunca valeo ? E não avendo outra ; porque obraremos sem razão ? Os Francezes nos dão exemplo para abandonar esta letra superflua excluindo-a das palavras *Roi* , *Moi* , e até de *Moien* , *Envoyer* , e outras que costumavaõ antes escrever-se com *y*. Entre nós tambem pela maior parte se não escreve já *Rey* , *Pay* , nem outras palavras , em que antes se fazia uzo do , *y* ; a razão he a mesma em todas : e diminuindo o numero das letras aumentamos a simplicidade da nossa escriptura.

Ultimamente desejamos que a pronunciação dirigisse a nossa escriptura no uzo das finalefas , ou elisoës , omitindo as vogaes , que não pronunciamos. Já ha muito
que

(*) Mr. Furetiere dis no artigo desta letra que os Francezes a conservaõ , porque os Copistas a achavaõ de geito para fazer rasgos , com que ornaõ os seus escriptos. Muito tempo para fazer regra na Orthografia !

que este uzo se introduzio entre nós , e da hi resultou escrever-se *delle deste* , &c. até em lugar de *em* s'escreve *n* , como em *no* , *nestes* , *nelle* &c. Oje esta pratica principia a ter lugar em muitos outros cazos , mas não pode ser tão geral na nossa lingua , como em outras , pela cacafonia , ou som equivoco , que algumas vezes resultaria : poderiamos escrever *s'animar* , mas não *s'achar* , *m'inquietar* , mas não *m'amar* &c. A pronunciação em fim , tornamos a dizer , deveria servir sempre de regra á nossa Ortografia : regra não só a mais facil , mas que só pode dar o maior gráo á vantagem de constancia , e de simplicidade , que tem a nossa escriptura sobre a de todas as outras linguas.

Que inconveniente averia se para conseguirmos esta vantagem fizessimos algumas alteraçõs na Ortografia recebida ? Que muito he que intentemos esta innovaçã , vendo que os Francezes vão cada dia simplificando a sua Ortografia ; já escrevem *come* com um só *m* , *savoir* sem *c* , *s'avans* , e todos os participios do presente no plural sem *t* , e assim inumeraveis outras palayras sem as le-

tras

tras que não foão nelas , e com que costumavaõ escrever-se antes. Mas já dissemos , que a nossa mesma escriptura se tem alterado : se ela milhorou com estas alteraçõs , porque pararemos na carreira ? Será a nossa pertençaõ temeraria vendo-a oje autorizada por pessoas atendiveis ? Até um Diccionario Latino , e Portuguêz , que passa como livro classico , tem palavras com uma consoante , que se costumavaõ escrever com duas ; *aceito* v. g. com um só *c* apartando-se da dedução Latina , e do costume recebido : se isto se pode praticar com algumas palavras , porque não com todas em que ha a mesma razão ? Escrevendo-se *aceito* com um *c* , porque se escreverá *accento* com dois ? Em outro Diccionario Frances , e Portuguêz , tam-
bem oje estimado , se acha *acceito* com *cc* , mas acha-se *final* sem *g* , de que o outro se serve na mesma palavra : não seria uma vantagem evitar esta variedade até em livros , que são proprios para serem consultados nesta materia ?

Estas são as reflexões que nos pareceo expôr á consideração das pessoas imparciaes ,

ciaes, intelligentes, e zelozas das vantagens da nossa lingua. Declaramos ingenuamente que não fomos induzidos por algum dos escriptos, que tem antes apparecido sobre esta materia; como quer que ella tenha sido tratada, julgamos a proposito excita-la de novo, e dando lugar a que sobre ella appareça o *pro*, e o *contra* no nosso Jornal, se delle quizerem servir-se as pessoas, de que fizemos menção, para publicarem as suas opiniões, ver, se em fim podemos conseguir uma uniformidade na nossa pronunciação, e na nossa Orthografia.

Faltanos só protestar que estamos tão longe de presumir que a nossa opinião seja preponderante, que prontos a adoptar a mais autorizada, não duvidaremos mudar a nossa Orthografia, logo que nos constar, que os argumentos, sobre que a fundamos se achão sem força perante Juizes competentes.

Nos cadernos seguintes se exporão algumas reflexões sobre a Gramatica, e diferentes generos de composição.

N Os anaes da Literatura feraõ sempre no
taveis os nomes de Voltere , e de Russó. (*)
Estes dois autores , que , tendo diferido tanto
na vida , se seguiraõ de taõ perto na morte ,
deixáraõ nela assunto a todos os escritos pe-
riodicos , que occupando-se em entreter o
Publico á cerca deles , oferecem ao nosso
Jornal a ventagem de principiar , fazendo
menção de omens taõ celebres. Diremos a-
qui alguma coiza do primeiro , deixando pa-
ra outro carderno falar do segundo.

Mr. de Voltere foi talvez a pessoa , a
quem se tem dirigido os maiores louvores ,
e os maiores vituperios ; nós o julgamos dig-
no de uns , e outros , ainda que em dife-
rente gráo. O seu caracter tem sido inu-
meraveis vezes descrito com mais , ou me-
h. nos

(*) *A regra d'escrever as palavras , como as pronuncia-
mos nos obriga a mudar as letras , com que os France-
zes escrevem estes dois nomes. Do contrario se segue que
nenhum estrangeiro saberá quem foraõ Blotéau , e Lacrois
ouvindo nomear estes autores pelos Portuguezes. Parece-nos me-
nos justificavel o alterar os nomes das pessoas , do que mu-
dar as letras , com que elas os escrevem , para melhor se
pronunciar , como elas os pronunciaõ.*

nos justiça. O que ninguem pôde duvidar he, que foi omem d'um ingenho agudissimo, d'uma grande memoria, d'uma applicação extraordinaria: que teria sido muito util á sociedade, se se tivesse dedicado a alguma profissão; mas porque uma vaidade desmedida lhe inspirou o projeto de parecer universal, dividio a sua applicação em todo o genero de estudos, e em nada aproveitou-se naõ na Poezia. He coiza singular que a ultima edição, que M. de Voltere deo das suas obras, impressa em Genebra em 1775 consta de 24 volumes em 4.º, e que nesta imensa collecção naõ aja uma só descoberta, um tratado util, nem ainda coiza, que se anuncie como tal pelo seu titulo. (*) A obra que ele intitoulou *Elementos de Newton* he a unica, que podia prometer utilidade; mas uma carta que ele mesmo escreveu a Mr. de Mópertuí a respeito dela, e que nós poremos no artigo da Miscelanea, basta

ta

(*) He com tudo necessario advertir que o resultado deste grande trabalho diminue consideravelmente pelas muitas vezes que este autor dis as mesmas coizas, e pelas contradições palpaveis, com que destroe as que antes tinha dito,

ta para dar a conhecer que foi trabalho perdido.

Fás pasmar a ignorancia que este grande homem mostrou muitas vezes, tratando de sciencias, pela ancia imoderada de dogmatizar em toda a materia: he pena que comm tanta applicação fizesse tão amiudo as vezes de pedante. Os Francezes não convém em que M. de Voltere fosse o que eles chamaõ *un genie*, e só lhe concedem o titulo de *bel esprit*. Nada he novo nas suas obras; mas se lhe faltou o talento de inventar, teve o de ornar agradavelmente as invenções dos outros. Todos achão o seu estilo elegante, sempre jovial, ainda que muitas vezes fóra de proposito: o certo he, que teve a arte de fazer ler com gosto as suas obras, ainda pelas pessoas que detestão os seus principios. Mas que estes foraõ detestaveis deve conceder toda a pessoa de bem, que pelo conhecimento dos seus escritos, e das suas acções se achar em estado de os avaliar. O temor de estender nimamente este artigo nos obriga a deixar para outro lugar o referir algumas anecdotas da vida deste
escri-

escriptor, a quem alguns chamaõ o *Patriarca da Literatura*, e que por isso pertence ás letras faze-lo conhecido. Agora com a sua morte he que deo ocazião a falar nele, daremos no artigo da Miscelanea uma Relação exacta das circumstancias que a precederão, e que se lhe seguirão: aqui só faremos menção do modo, com que tem sido celebrada a sua memoria.

Além d'um chuveiro de versos que tem apparecido, uns em louvor, outros em vituperio deste omem, por ambos os modos memoravel (*), varias Academias tem julgado digno objeto da sua attenção o elogio do defunto. Na Academia Françeza se collocou o seu busto, apresentado por M. d^o Alembert, e foi M. *Saurin* quem lhe fêz o elogio em verso. A de Berlin convocou uma sessão de proposito para néla se proferir um discurso a este assunto, de que foi autor o proprio Rei da Prussia. Este Monarca quís unir a sua celebridade com a de M. de Voltere, compondo entre os tumultos da guerra

(*) Transcreveremos alguns no caderno seguinte.

ra, na sua tenda de campanha o elogio do Poeta, que tantas vezes tinha empregado a sua muza em o louvar, como tambem em o denegrir. (*) A Imperatrís da Russia se dignou igualmente de elogiar ao seu aturado elogiador em uma carta, que escreveu a Madame Diñis, sobrinha de M. de Voltere. (**) Por fim em Paris se falava em lhe levantarem uma estatua, do que tomou affunto um autor, para compor a inscriçaõ seguinte, julgando que era a que melhor lhe competia.

En tibi dignum lapide Volterium

Qui

In Poesi Magnus

In Historia Parvus

In Philosophia Minimus

In Religione Nullus :

Cujus

Ingenium acre

Judicium praeceps

Impietas summa :

Cui

(*) Teremos ocoziãõ de falar em outro lugar desta obra do Rei da Prussia.

(**) No artigo da Miscelanea transcrevemos esta carta.

*Cui**Arrisere Mulierculae**Plausere Scitali**Favere Propbani.**Hunc irrisorem hominumque , Deumque**Senatus , Populusque Physico-Atheus**Ære conlato**Statua mactavit.**Anno 1779. (*)*

A justiça , que esta inscriçaõ fás ao caracter de M. de Voltere nos incita a ajuntar aqui uns versos , que ha pouco se celebráraõ em París. Será imitar o Eroe que eles caracterizaõ uni-los á memoria do Filosofo de Fernei , que se supcê ser o seu autor. Pomo-los em Frances , por naõ diminuir-lhes a força na traduçaõ ; e convidamos os curiozos a faze-la em verso Português para publicarmos a melhor , que se apresentar.

Ce

(*) Naõ dissimularemos , que esta Inscriçaõ he anterior á data , com que agora aparece : mas naõ nos parecez isso uma razãõ para deixar de a publicar no modo , com que a resuscitaraõ.

Ce mortel profana tous les talens divers :
 Il charma les humaines, qui furent ses victimes;
 Barbare en action , & philosophe en vers ,
 Il chanta les vertus, & commit tous les crimes:
 Haï du Dieu de l'amour , cher au Dieu des
 combats ,
 Il baigná dans le sang l'Europe , e fá patrie :
 Cent mille hommes par lui reçurent de trepás ,
 Et pas un n'en reçut la vie.

Temos recebido varias Poezias Portuguezas que fomos obrigados a deferir para outro caderno , pela extenção , que já demos a este , contentando-nos de o concluir com estes versos , que explicaõ o digno assunto da estampa que escolhemos para Frontispicio do nosso Jornal.

Por maõ augusta a Deoza convocada
 Trás lús ás Artes , as virtudes mostra :
 E do Templo felís condús á entrada
 A grata turba que fiel se prostra.
 Felís n'um Povo quem assim domina ,
 E a Arte de Reinar aos Reis ensina.

Dezejamos que este nobre assunto seja tratado por outras Muzas.







